

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

ROGER ANDREI DE CASTRO VASCONCELOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS
CONTADORAS: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO**

Caxias do Sul

2017

ROGER ANDREI DE CASTRO VASCONCELOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS
CONTADORAS: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação pelo
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Caxias do Sul.

Linha de Pesquisa: Educação, Linguagem e
Tecnologia.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Flávia Brocchetto
Ramos

Coorientador Prof. Dr. José Edimar de Souza

Caxias do Sul

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

V331c Vasconcelos, Roger Andrei de Castro, 1980-
Contação de histórias na perspectiva de professoras contadoras :
possibilidades de atuação / Roger Andrei de Castro Vasconcelos. – 2017.
106 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos.
Coorientação: Prof. Dr. José Edimar de Souza.

1. Contadores de histórias. 2. Letramento. 3. Educação. 4. Leitura. I.
Ramos, Flávia Brocchetto, orient. II. Souza, José Edimar de, coorient. III.
Título.

CDU 2. ed.: 808.543

Índice para o catálogo sistemático:

1. Contadores de histórias	808.543
2. Letramento	028.6
3. Educação	37
4. Leitura	028

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236.



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

*“Contaçon de histórias na perspectiva de professores
contadores: possibilidades e modos de fazer”*

Roger Andrei de Castro Vasconcelos

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Educação, Linguagem e Tecnologia.

Caxias do Sul, 06 de setembro de 2017.

Banca Examinadora:

Dra. Flávia Brocchetto Ramos (presidente – UCS)

Dr. José Edimar de Souza (coorientador – UCS)

Dr. Geraldo Antônio da Rosa (UCS)

Dra. Vera Lucia Felicetti (Unilasalle)

CAMPUS-SEDE

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218.2100 – www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGC/TE 029/0089530

Dedico este trabalho aos que me contaram histórias, aos que já me acompanharam contando e ainda acompanharão, permitindo que nossos sonhos e a realidade tenham sempre um encontro marcado por meio da literatura. Agradeço por encontrar um pouco de mim em cada história ou livro que levei a cena.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa importante de minha vida, sinto-me entre nuvens, no céu, percebendo que o sonho que outrora repousava sobre meus pensamentos e aspirações hoje é realidade. Depois de treze anos distante da universidade, apresento-me consciente que o Mestrado é porta aberta para seguir estudando, dialogando, pesquisando e produzindo conhecimento.

Toda aspiração necessita de apoiadores e não poderia ser diferente na minha busca e, agora, conclusão do Mestrado. Sou eternamente agradecido aos meus familiares, em especial minha mãe, pela educação e apoio na busca permanente de novos horizontes e caminhos a serem trilhados. Muitas vezes, mesmo distante, suas mensagens e orações abrandaram meu cansaço ou supostas tristezas.

Para um contador de histórias que já residiu em muitos recantos, deixando amigos em cada cidade que trabalhou, tenho que agradecer a cada um que motivou e acreditou nos meus sonhos e desejos, quantas mães fui ganhando, quantas secretárias de educação que ao me contratarem, aumentavam meu compromisso com o trabalho, logo, tornando o Mestrado fundamental. Deixo nesta escrita o nome da Sale e do Jujo, mãe e pai de coração, que me acolheram como um verdadeiro filho quando fui residir em Bento Gonçalves. Em nome deles agradeço a cada pessoa que chegou na minha vida por meio da minha carreira e fez morada no meu coração.

Levo comigo um carinho e gratidão pelos meus amigos que sabiam do meu desejo e principalmente das minhas limitações para fazer o Mestrado. O agradecimento é pela motivação para participar do processo de seleção e depois, pelas muitas vezes, em que saíam para festas, jantares e não me deixavam ir junto para eu ficar em casa lendo e escrevendo a Dissertação. Meu amigo irmão Joci representa essas pessoas que se tornaram anjos na minha vida, que foram paz, aconchego e motivação para persistir nos momentos mais difíceis.

Da minha participação na seleção do Mestrado tenho que deixar registrado meu agradecimento por ter encontrado o Renan, uma das pessoas mais inteligentes que pude conhecer até então. Nossos caminhos se cruzaram pela busca de conhecimento e minha admiração crescia quando via seu envolvimento com os

estudos, me motivando e inspirando a seguir o mesmo caminho. Sou agradecido por você ter estado presente na minha vida neste importante momento de transformação profissional, auxiliando muitas vezes quando achei que não conseguiria.

Manifesto o meu agradecimento ao grupo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU-UCS), pelo qual fui desafiado a olhar e interagir de outra forma em espaços de formação, graças ao processo adotado por cada professor. Meus colegas se tornaram amigos, juntos estudamos, mas também rimos, choramos e, principalmente nos apoiamos para concluirmos nossos estudos. Deixo um agradecimento especial às gurias da secretaria, sempre muito atenciosas e amigas.

É chegado o momento de agradecer a Prof.^a Dr.^a Terciane, coordenadora do PPGEDU, pela acolhida anterior na formulação de um pré-projeto e depois na trajetória dos meus encontros e desencontros no Mestrado. Sou eternamente grato ao meu coorientador, Prof. Dr. José Edimar de Souza, que acolheu meus estudos, apontando caminhos a serem trilhados e sistematizando meus horários para a produção da Dissertação. Quantas vezes fiquei na sua sala acompanhando suas orientações, outras tantas vezes trocando mensagens via *whatsapp* e *e-mails* de madrugada, sempre fraterno e principalmente motivador, demonstrando minha evolução e progresso, que muitas vezes somente ele conseguia ver.

Ao agradecer a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Flávia Brocchetto Ramos, me tomo de sentimento fraterno, ser humano de pureza e simplicidade tão rara de se encontrar nos dias de hoje. Não ganhei apenas orientação para a minha Dissertação, ganhei também ensinamentos para a vida, mesmo quando precisamos resguardar um passarinho na gaiola, desejando o repouso dele, a parada oferta conhecimento e fortalece para voos ainda maiores. Obrigado meus orientadores, ganhei novos horizontes e amigos que me dedicarei a manter enquanto houver poesia em nossas vidas e que seja eterna.

Termino meus agradecimentos aos seres que transpõe o terreno, que estão em nosso pensamento e conduzem corpo e alma para uma peregrinação diária mais leve e feliz. Sou grato por me fortalecerem e protegerem em todos os momentos, abrandando tristezas e guiando, por meio da determinação, fé e respeito para caminhos de realizações tão esperadas.

DAS UTOPIAS

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*

Mário Quintana (2010, p. 28)

RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar a contação de histórias como procedimento de mediação de leitura literária, a fim de contribuir para qualificar a educação literária na Educação Básica. Optou-se pela abordagem de pesquisa qualitativa, valendo-se do método de investigação bibliográfica associado à técnica da entrevista com cinco contadoras de histórias, professoras da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, em busca do apontamento de critérios e caminhos para implementar a contação de histórias. A fundamentação teórica apoiou-se em Freire (1998) e Vigotski (2001) ao tratar da educação; em Cosson (2009), Candido (2011) e Yunes (2012) sobre literatura e letramento literário e Benjamin (1985), Girardello (2012), Sisto (2012) e Tahan (1945) ao refletir acerca do ato de contar histórias. Apresentou-se, também um panorama dos educadores que atuam como contadores de histórias na Rede Municipal de Caxias do Sul, suas trajetórias e estratégias para o fomento à leitura em ambientes escolares. Os resultados deste estudo discorrem acerca da mediação de leitura, do letramento literário e sobre a função do contador de histórias e suas relações com o universo literário na escola. Como conclusão, este estudo sinaliza a necessidade de ações como a contação de histórias para a promoção de leitores literários na sociedade e, principalmente, no ambiente escolar e ainda propõe a instrumentalização de educadores para mediação de leitura, partindo da realidade presenciada em Caxias do Sul.

Palavras-chave: Letramento literário; Mediação de leitura; Contação de Histórias; Contadores de Histórias; Professoras Contadoras.

ABSTRACT

This study aims to investigate storytelling as a procedure of mediation for literary reading in order to contribute to the qualification of literary instruction in primary education. It has opted for a qualitative research approach, using the method of bibliographic investigation associated with the technique of interview conducted with five storytellers, teachers of the city of Caxias do Sul municipal education system, in the pursuit of indications of criteria and paths to implement storytelling. The theoretical framework was based in Freire (1998) and Vigotski (2001) regarding education; in Cosson (2009), Candido (2011) and Yunes (2012) to ground literature and literary literacy; and Benjamin (1985), Girardello (2012), Sisto (2012) and Tahan (1945) to reflect on the act of storytelling. This work presented an overview of the educators that perform as storytellers in the city's municipal education system, their pathways and strategies to motivate reading in school environments. And its results shed light on the reading mediation, the literary literacy and the role of storytellers and their relations with the literary universe. Concluding, the research indicates the necessity of actions such as storytelling to the promotion of literary readers in the society and mainly in the school domain, and also proposes the preparation of educators for reading mediation based on the reality observed in the city of Caxias do Sul.

Keywords: Literary literacy, Reading mediation, Storytelling, Storytellers, Storyteller Teachers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Localização de Caxias do Sul no mapa do Rio Grande do Sul.....	22
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Características das professoras contadoras de histórias entrevistadas.....	31
--	----

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CETEC	Centro Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul
PNBE	Programa Nacional de Bibliotecas Escolares
PPEL	Programa Permanente de Estímulo à Leitura
PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROLER	Programa Nacional de Estímulo à Leitura
RS	Rio Grande do Sul
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
SESC	Serviço Social do Comércio
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UNICRUZ	Universidade de Cruz Alta

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 OS LIVROS E AS HISTÓRIAS: APORTES TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS	25
3 A LITERATURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DO LIVRO À PALAVRA.....	33
3.1 A LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR	37
3.2 A CONTAÇÃO COMO ELO LITERÁRIO.....	40
3.3 O LETRAMENTO LITERÁRIO: PROGRAMAS DE LETRAMENTO.....	43
4 O CONTADOR DE HISTÓRIAS	49
4.1 CAXIAS DO SUL: CENÁRIO LITERÁRIO E ESCOLA.....	52
4.2 FORMAÇÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS.....	54
4.3 POSSIBILIDADES DE ESTUDOS DE GÊNERO NA CONSTITUIÇÃO DA CONTADORA DE HISTÓRIAS	59
4.4 RECURSOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	61
4.5 CARACTERÍSTICAS DE UM CONTADOR.....	64
4.6 A CONTAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA INSPIRAR NOVOS LEITORES..	71
4.7 CONTRIBUIÇÕES GERAIS DAS FLORES CONTADORAS	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE A – MODELO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	92
APÊNDICE B – PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO DE ASPECTOS DAS ENTREVISTAS	93
APÊNDICE C – DEMONSTRATIVO DA ORGANIZAÇÃO DAS CATEGORIAS	94
APÊNDICE D – ESTUDOS SIGNIFICATIVOS SOBRE A TEMÁTICA.....	95
APÊNDICE E – ARTIGOS.....	106
APÊNDICE F – TESES E DISSERTAÇÕES.....	107
ANEXO A – COMUNICAÇÃO DE DESPACHO SMED Nº 2720/2016	109

1 INTRODUÇÃO

Antes de aprofundar os estudos sobre a contação de histórias, suas categorizações para o mediador de leitura, as práticas existentes dentro e fora do ambiente escolar e o reconhecimento do profissional, apresento o professor de Artes, narrador de histórias, ministrante de oficinas de contação de histórias e atividades lúdicas e, finalmente, responsável por esta dissertação.

Durante minha infância, na beira do Rio Jacuí, eu brincava, como qualquer outra criança, distante de qualquer informação do mundo externo. Vivíamos minha mãe, meu padrasto, minha irmã e eu, entre as árvores e o rio. Ali brinquei de bodoque, de esconde-esconde, de pega-pega, com as boias que fazíamos com as bexigas dos peixes para nossas “piscinas-baldes”, entre outras tantas brincadeiras de um ribeirão, mas o que mais me encantava era ouvir histórias e músicas que minha mãe contava antes de nós dormirmos.

Aos 7 anos, fui com minha família para o interior do município de Cruz Alta. Lá, minha principal diversão era ficar em meio a vacas, cavalos e alguns poucos colegas de aula. Saía bem cedo para a escola, caminhava alguns quilômetros e passava a manhã sonhando, entre palavras e olhares fraternos de minha primeira educadora. No recreio, com meus colegas, brincava de escorregar no barranco ao lado da escola, caminhava sobre latas e equilibrava livros na cabeça. Na volta para casa, nada de passar por cima da ponte de madeira que havia no caminho, desafiava-me a conseguir cruzar o riacho entre pedras, como um grande herói. À tarde, ia para o campo cuidar dos animais, contava histórias para as minhas amigas, as vacas, enquanto algumas se embretavam no banhado. Outras vezes, brincava nos cupinzeiros, roubava moranguinhos nas plantações da vizinha, lia para minha mãe no terreiro, enquanto ela lavava roupa e, aí de mim se lesse algo errado, pois a vara de guanxuma sempre estava ao lado do tanque.

Quando comecei a 3ª série do Ensino Fundamental, fui morar na cidade (zona urbana de Cruz Alta). Tudo ficou diferente. Havia muitas pessoas lá, mas todos meus amigos tinham ficado para trás, até mesmo a Mimosa e a Pretinha (algumas das vacas com as quais costumava brincar). Passei a jogar bola de pés descalços na rua onde morava, jogava taco, bolita, algumas vezes até entrava na reserva de água da cidade para retirar tabatinga e fazer bonecos e outros

brinquedos para um fim de tarde. Foi nessa época que, pela primeira vez, lembrança viva em minha memória, retirei livros na biblioteca da escola.

Minha primeira memória de uma apresentação em frente aos meus colegas, de uma contação de histórias, deu-se na 5ª série. Diva, a professora de Língua Portuguesa, solicitou que retirássemos um livro de nossa própria escolha, lêssemos e depois contássemos para nossos colegas. Eu só ia na biblioteca retirar livros para a minha mãe, pois eu pouco lia, mas, como desejava impressionar minha professora, peguei o resumo de uma importante obra da literatura nacional – *O Guarani*, de José de Alencar – decorei o resumo e apresentei para todos os meus colegas, os quais ficaram surpresos com a escolha de um texto tão denso, com um vocabulário tão arcaico. Na época, pensei que havia ludibriado minha professora; hoje, compreendo que ela gostou da *performance* e, mais ainda, voltava-se para mim com olhar fraterno. Seria impossível um menino, com certas dificuldades na compreensão da disciplina, ter facilidade e agilidade para ler um clássico da literatura brasileira. Ainda hoje, consigo lembrar dos olhares atentos de meus colegas com a história de amor entre Peri e Ceci.

Em meio ao *brincar*, o *trabalhar* começou a tomar o tempo em minha rotina. Virava massa para construção civil como ajudante do meu padrasto, cortava grama dos vizinhos e vendia rapadura no centro da cidade. Esses eram meus passatempos, até que um dia, brincando com uma esquete teatral, na escola, apaixonei-me pelo teatro. Surgia, na página do meu existir, minha principal manifestação lúdica. Fazer teatro, representar diferentes personagens. Portanto, maravilhar a plateia tornou-se o meu raiair em cada amanhecer; um novo viver.

Foi o teatro que me apresentou definitivamente aos livros, pois já nas primeiras empreitadas cênicas líamos muitas peças de teatro, até escolhermos qual espetáculo seria montado. Depois de alguns casamentos caipiras, textos de menor expressão para a literatura, nosso grupo de teatro foi convidado para encenar contos do livro *Fantoches*, de Erico Verissimo. *A bordo do Megatério* e *Quase 1830* foram os textos de que mais gostei, os quais decorei não somente as minhas falas, mas também do restante do elenco. Com estas montagens, participamos de festivais de teatro no Rio Grande do Sul (RS) e, muitas vezes, fui premiado como melhor ator coadjuvante ou ator principal. Durante a adolescência, o tempo agora era dividido entre os estudos, o trabalho e, principalmente, o teatro.

Expressar-me cenicamente era meu desejo, o *Oscar*, meu sonho. Fiz teatro durante o Ensino Médio, segui participando de Festivais de Teatro no estado e ingressei no Grupo de Recreacionistas do Serviço Social do Comércio (SESC), de Cruz Alta, no qual animava, desde festas infantis, gincanas em escolas, até feiras de livros. Nas feiras, contava histórias, fazia dobraduras, teatro de fantoches, ensinava os pequenos a se divertirem com bilboquê, cinco marias e outros tantos brinquedos e jogos folclóricos. Já não era mais eu um adolescente a brincar, mas sim um responsável pelo lazer dos outros, entretanto, felizmente, sempre me vi contente e cada vez mais realizado.

Foi no Grupo de Recreacionistas do SESC que me fiz contador de histórias. No primeiro instante, éramos um grupo de adolescentes, querendo estabelecer novas amizades e “ir brincar nas escolas” com os pequenos - sempre um trabalho voluntário, mas não menos responsável - mesmo nós ainda sendo menores de idade. Nessas recreações, existiam momentos para a contação de histórias, as quais, a Nara (bibliotecária do SESC) organizava um kit com livros que seriam expostos para a leitura dos pequenos durante o evento. Eu sempre ficava responsável pela contação de histórias, pois, como tinha experiência no teatro, minha voz e expressão cênica envolviam mais facilmente os pequenos com as obras contadas. Hoje penso que a voz, o gesto e a expressão auxiliaram nas contações, mas foi a paixão pelos livros que eu contava, o cuidado em decorar ou contar a história da forma mais compreensível ao público e o meu fascínio em perceber que tantas crianças poderiam estar correndo e estavam ali, sentadas, me escutando, que tornavam meu trabalho atraente à plateia.

Nesse período da vida, estava certo de que meu próximo passo seria o curso de Artes Cênicas, pois me qualificaria para palcos ainda maiores, para outros públicos. Contudo, ao terminar o Ensino Médio, devido às condições financeiras e medos, não cursei Artes Cênicas, mas Licenciatura em Dança, na Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Como residia em Cruz Alta, para cursar Cênicas teria de mudar-me para Santa Maria ou Porto Alegre, únicas cidades que tinham universidades públicas. Mas como eu iria trabalhar nesses lugares? Conseguiria sobreviver? Visto que já trabalhava em Cruz Alta como oficinairo de teatro, contando histórias em escolas de Educação Infantil particulares, nas quais tinha um rendimento, acabei me sentindo mais seguro no meu próprio chão, entre os meus.

Faço uma afirmação, com alegria, em ter cursado Dança: meu corpo ganhou outros significados e uma consciência corporal que foram incorporados ao contador de histórias que já existia, as palavras ganharam um novo contorno ao chegarem ao pé do ouvido de tantos espectadores.

Durante meu percurso acadêmico, viajei pelo estado, animando culturalmente muitas feiras de livro, contando histórias, conhecendo escritores e me envolvendo com o fazer literário. Essa prática propiciou-me alguns convites, na intenção de eu poder compartilhar meus registros e minha forma de interação literária a diferentes públicos. Nos anos 2000, fui trabalhar como programador cultural do SESC Cruz Alta, atendendo a abrangência de 17 municípios, organizando oficinas com escritores, promovendo feiras de livros e apresentações.

Em 2009, passei a residir em Bento Gonçalves, na Serra gaúcha. Fui convidado a ser professor de Artes no Centro Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul (CETEC-UCS), em Veranópolis. Exerci tal função de 2009 a 2014, passando a ser responsável pelo CETEC Festival de Veranópolis entre 2010 e 2013, com apresentações de teatro e dança. Sempre fui um professor contador de histórias; a história da arte, os movimentos artísticos, os grandes pintores eram apresentados de forma lúdica para os alunos, na intenção de envolvê-los mais facilmente com uma história que segue tão atual e necessária em suas vidas para uma existência com arte humanizadora.

Com a possibilidade de interagir com as pessoas por meio de narrativas, participo, desde então, como contador de histórias em diversas feiras de livros, ministro oficinas de contação de histórias e apresento-me com narrativas cênicas em indústrias do RS. Também realizo a curadoria de eventos literários sugerindo escritores, ações literárias a serem realizadas antes, durante e após as programações culturais. Embora atue por todo o estado, está mais centrado na serra gaúcha.

No presente, dirijo a Roger Castro Eventos, empresa que, junto a um grupo de colaboradores, atua em diferentes programas literários e lúdicos na Serra gaúcha, tais como seminários de educação e assessoria de formação de professores. Nessas experiências, fui envolvendo-me com programas e propostas de incentivo à leitura, com a cultura, hábitos e costumes de diferentes grupos de estudantes, mas cada qual mantendo viva sua origem, sua infância e sua identidade.

Nas andanças por tantas cidades, com seus eventos literários, tive a oportunidade de contar histórias para muitos públicos. contei histórias em ginásios lotados, com a comunidade de toda uma cidade; histórias em regiões mais truçulentas – com tiroteio no meio da contação, que fizeram as pessoas jogarem-se ao chão – histórias para bebês e grupos de idosos; até mesmo em velório adentrei para contar histórias. contei muitas histórias que foram decoradas, preparadas; outras tantas, inventadas no exato momento do encontro com o público, buscando cativá-los com o meu fazer artístico e aproximá-los da leitura. Já tive público que me viu contando histórias, e foi embora; outros que se achegaram para escutar.

Nessa perspectiva, relacionando a minha história de vida e a minha trajetória profissional, surge a proposta de apresentar um histórico da contação de histórias, investigar a prática na Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul e indicar procedimentos de mediação de leitura literária a partir da organização de estratégias, a fim de contribuir para qualificar a formação literária na Educação Básica. Ou seja, aquele Roger, que um dia retirou, na 3ª série do Ensino Fundamental, seu primeiro livro na biblioteca escolar, hoje objetiva investigar a contação de histórias como procedimento de mediação de leitura literária, a fim de contribuir para qualificar a educação literária na Educação Básica, instigando os educandos a se apropriarem dos livros nas bibliotecas escolares.

Seguem como objetivos desta pesquisa fundamentar teoricamente a contação de histórias e seus recursos de mediação da literatura e elencar critérios para a seleção de narrativas a serem mediadas mediante a contação de histórias a estudantes da Educação Básica. Considera-se fundamental apresentar propostas de mediação via contação de histórias para diferentes níveis da Educação Básica, tendo em vista que essa prática auxilia a constituir leitores a partir da inserção do estudante no mundo simbólico da literatura.

A contação de histórias tem sido apresentada, nos espaços de escolarização, como uma atividade de responsabilidade do professor, bibliotecário ou qualquer outro profissional envolvido com a educação com habilidades artísticas. A expectativa na *performance* do profissional é instaurada na necessidade de que esta ação consiga auxiliar na constituição de leitores a partir do contato com o universo literário. Muitos estudos sobre o papel e lugar do contador e sobre a relevância da prática de contar histórias multiplicam-se nos ambientes acadêmicos

do Brasil. Esta investigação caracteriza-se por apresentar uma trajetória histórica da contação de histórias, sua existência anterior à escrita e como ela atua, hoje, em parceria com outras ações de letramento literário.

Ao mesmo tempo, os trabalhos sobre a contação de histórias, em espaços escolares, ainda representam pouco interesse pelos pesquisadores. Nesse sentido, investigar como o processo ocorre em escolas da Rede Municipal de Caxias do Sul ressalta a importância desta pesquisa. Ainda é relevante destacar que se trata de uma pequena amostra; portanto, o resultado da análise das entrevistas, os aspectos das trajetórias profissionais¹ e do modo como o envolvimento com a contação de histórias desenvolveu-se nesta localidade precisam ser considerados nas suas singularidades, como uma possibilidade de compreender essa prática na escola.

A finalidade deste estudo é contribuir para pensar a educação e o processo de desenvolvimento do leitor na perspectiva da mediação docente, promovendo um espaço para reflexão sobre o papel social da escola, do professor e as ações pedagógicas, tendo como inspiração os pressupostos teóricos freireanos. Uma reflexão necessária e, de certa forma, ousada, visto que hoje enfrentamos inúmeras dificuldades no sistema educacional brasileiro, principalmente com a formação de leitores.

Pensando a contação de histórias no ambiente escolar, analisamos, antes, a concepção de leitura que envolve o contato com o vasto universo de conhecimento do estudante, incluindo seu conhecimento prévio, pois o sentido não está pronto na contação ou obra literária; ele é produzido a partir de articulações e atividades que possibilitem ao estudante interagir com o texto. Esse fundamento poderá construir um leitor crítico, capaz de se posicionar diante de fatos e usar essa habilidade para compreender o mundo e posicionar-se diante dele.

Buscamos, ainda, apoio teórico em Vigotski (2001) para discutir as relações do sujeito e a linguagem literária, pois concebemos a leitura como processo de construção de sentido entre o leitor (ser individual e social), o texto (produto individual, determinado historicamente e socialmente) e o autor (sujeito condicionado

¹ Entendo as trajetórias no sentido de Souza (2012), considerando que não é possível reconstruir uma trajetória de vida, pois há limitações impostas pela “ilusão biográfica” da recomposição, pela pesquisa, de toda uma vida. O que se constrói é uma representação, uma possibilidade de leitura para se compreender e interpretar um período de uma trajetória de uma vida. E que no estudo aqui realizado trata-se de aspectos específicos referentes aos momentos profissionais, bem como, sobre a prática pedagógicas em espaços de escolarização.

historicamente), assim como as práticas sociais e culturais nas quais ocorre essa interlocução. Assim, entendemos que, no ato da leitura, o sentido não é algo pronto no texto, tampouco na contação de histórias, mas é produzido pelo estudante a partir de seus conhecimentos prévios, de seus objetivos e de sua compreensão sobre o texto apresentado.

Desse modo, a contação de histórias é um instrumento importante na formação do leitor literário, pois, a partir dela, é possível desenvolver a linguagem e o senso crítico e, principalmente, mobilizar o imaginário ao lembrar, fabular ou recriar histórias já vividas ou inimagináveis. O narrador de histórias é um intermediário de sonhos; tem a tarefa de envolver o espectador, dando vida à sua imaginação, anseios e sentimentos. Quem conta histórias cria e recria cenários, aproxima crianças e adultos do universo literário, promovendo o contato com as suas histórias de vida, com quem o cerca e, posteriormente, com os livros. Um bom contador de histórias guarda recursos que podem envolver e encantar as pessoas.

Nessa perspectiva, Yunes (2003) considera:

[...] a leitura um ato que precede e não decorre da escrita; ao contrário do que se supõe, ela é antes uma antecipação da escrita, pois para escrever o mundo é necessário que ele antes tenha sido lido. A experiência efêmera de ler, às vezes, se deixa prender por uma “escrita” [...]. (YUNES, 2003, p. 41)

A leitura é a soma de registros que o leitor possui - seus signos, o meio onde está inserido -, somente mais tarde ele vai apropriar-se da linguagem formal. Quem não lê, quem não interage com as diversas linguagens existentes no mundo, não é capaz de escrever em nenhuma língua. Não consegue entender os movimentos de uma dança, uma pintura, uma película cinematográfica ou, até mesmo, o comportamento de uma comunidade. A leitura é uma forma de sobrevivência; lemos o outro antes de tomarmos uma atitude. É prática constante, com aprendizagem contínua, pois vamos deparando com situações diferentes a cada instante e nos adaptando, lendo e reescrevendo nossa história.

Concebemos que ler e atribuir sentidos põe a origem do significado não no texto, mas no leitor. Segundo Leffa (1996), um mesmo texto pode acender diferentes visões em cada leitor e mobilizar diferentes recursos intelectuais e emocionais. A visão da realidade incitada pela presença do texto depende da bagagem de vivências que o leitor carrega consigo no ato de ler. Um texto literário não apresenta

a realidade; oferta fragmentos, e o leitor vai preenchendo este emaranhado com o conhecimento prévio de mundo que possui. A leitura pode ser morosa e esmerada, como breve e ilusória, o leitor sempre irá ditar o ritmo e a qualidade da ação.

Nas escolas, a dificuldade na aprendizagem da leitura dá-se por que as crianças possuem confiança e espontaneidade quando leem o mundo por meio de suas experiências, mas nem sempre a leitura do mundo é considerada no processo de aprendizagem. O resultado é que, quando saem da sala de aula, esses estudantes são apresentados a outras leituras de mundo e, muitas vezes, não conseguem interagir com as mesmas. A criança necessita, desde cedo, investigar o mundo da escrita como se fosse um detetive a procurar sentidos nas linguagens com as quais se depara. Nesse processo de interação com a palavra, o contador, no ambiente escolar pode auxiliar ao exercer o papel de mediador.

O mediador de leitura é o sujeito que aproxima o leitor do texto, proporcionando o diálogo qualificado entre ambos. Esse mediador pode contribuir para que o leitor experimente inúmeras descobertas. Mas quem pode mediar leitura? Muitos em nossa caminhada de vida podem ser nossos mediadores de leitura; como familiares, professores, bibliotecários, escritores e até vizinhos e amigos. Nessa tarefa, pensamos, principalmente, nos familiares e profissionais da educação como fundamentais. É importante que se conte histórias às crianças ainda nos primeiros anos de vida, estabelecendo a relação com a linguagem literária na mais tenra idade e, depois, nossos professores e bibliotecários, mostrando que a relação com o livro, que o ato da leitura, é de natureza subjetiva e que, portanto, concorre para a evolução humano.

A contação de histórias é um instrumento para a costura entre leitor e leitura, pois promove o desenvolvimento de habilidades que serão buriladas na construção do leitor. Compreendendo que a escola é um espaço de desenvolvimento global do estudante, a narração de histórias como mediação de leitura é prática de excelência. Resgatamos a alegoria que Paulo Freire apresenta sobre a leitura e que serve como ponderação aos mediadores:

Ler é como chegar a uma horta e saber o que é cada planta e para que ela serve. Quem não sabe nada de “ler horta”, entra dentro dela e só vê um punhado de plantas de mato. Um monte de plantas diferentes, mas parecendo que é tudo igual. Quem não aprender a “ler” a horta, a conhecer os seus segredos, não sabe o que é cada uma, como é que se prepara cada uma, com o que é que se come [...] (FREIRE, 2005, p. 49).

Assim, ler é apropriar-se da palavra pelo diálogo com a subjetividade, compreendendo que a linguagem oferta múltiplos sentidos, conforme a carga de vivência de cada leitor. Ler a palavra simbólica, nesse ponto de vista, é como ler a horta; é preciso envolver-se para significar.

Portanto, a fim de conhecer mediadores de leitura que promovem a contação de histórias como porta de acesso ao universo literário, escolheu-se como campo de estudo o município de Caxias do Sul, região inicialmente de passagem de tropeiros e ocupado por índios, que somente em 1875 recebe os primeiros imigrantes, de acordo com Seyferth (1999). Em 1910, chegava o primeiro trem ligando o município à capital do RS. Do cultivo da uva e do vinho até tornar-se o segundo Polo Metal-mecânico do País, outras etnias foram fixando residência em Caxias do Sul. Segundo o IBGE, em 2015, o município contava com mais de 475.000 habitantes, sendo importante polo educacional, cultural, comercial e industrial.

Na figura a seguir, observa-se onde está situada a cidade de Caxias do Sul.

Figura 01 – Localização de Caxias do Sul no mapa do Rio Grande do Sul.



Fonte: Caxias do Sul – Perfil Socioeconômico (2017, p. 9).

De acordo com informações presentes no site da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul,² no seu Perfil Socioeconômico de 2013, existiam 11 instituições de Ensino Superior (5 universidades e 7 faculdades), 55 escolas estaduais, 85 escolas municipais e 196 escolas particulares de Educação Infantil ao Ensino Médio. Para a realização da pesquisa, solicitou-se à Secretaria Municipal de Educação do município a indicação de cinco professoras contadoras de histórias, a fim de realizar uma entrevista, objetivando conhecer suas trajetórias profissionais ligadas à contação de histórias, ações realizadas nos espaços escolares e resultados obtidos com a mediação de leitura.

A partir de indicações recebidas, foi planejada a realização de entrevista com perguntas já estabelecidas. O formato da entrevista e a quantidade de professores entrevistados foram definidos entre pesquisador e orientadores. Após apresentar os objetivos de entrevista para o comitê de análise da Secretaria de Educação do município e sua posterior comunicação de despacho autorizando (ANEXO A), em dezembro de 2016 realizamos as entrevistas com as professoras após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). As questões elaboradas (APÊNDICE B) desejavam conhecer os profissionais que contam histórias, suas trajetórias e propostas para dinamização da leitura por meio da contação de histórias nos espaços escolares.

Conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 278), a entrevista é “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, que pode proporcionar resultados satisfatórios e informações necessárias” e tem como objetivo compreender a trajetória e experiências das participantes. Esse instrumento de coleta de dados, segundo Ludwig, possui três tipologias, como segue:

[...] a não estruturada, que conta com questões abertas, sem rigidez de sequência e número reduzido; a estruturada, cujas questões são específicas e nitidamente ordenadas; a semiestruturada, que se baseia em questões específicas, porém sem ordenamento rígido [...] (LUDWIG, 2009, p. 66).

² Pesquisa realizada por este pesquisador no site da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul no dia 17 de maio de 2017.

Em relação à tipologia das nossas entrevistas, utilizou-se a entrevista semiestruturada, por permitir que sua aplicação fosse mais explorada e ampliada podendo ser respondida de maneira informal.

A sistematização dos estudos dessa investigação apresenta-se em duas partes. A primeira, com uma pesquisa bibliográfica, construída a partir de teóricos³ e das relações que o pesquisador construiu acerca da contação de histórias e contadores e da dinamização da leitura e seus processos de mediação no espaço escolar. O primeiro capítulo contempla a introdução, expondo a trajetória deste pesquisador, os objetivos, caminhos e métodos adotados para a pesquisa. No segundo capítulo, constrói-se uma relação entre o livro e seus aportes teóricos e metodológicos, tendo a contação de histórias como foco principal. O terceiro capítulo apresenta a contação de histórias, desde o seu surgimento como condutora e registro da história de muitos povos, por meio da oralidade até a escrita, proporcionando maior conhecimento sobre o contador de histórias como profissional e artista e, no espaço escolar, como mediador de leitura e, também, esclarece conceitos para o letramento literário e programas existentes de fomento ao livro e de promoção da leitura. Ainda neste capítulo, apresentamos procedimentos adotados para a realização das entrevistas.

No quarto capítulo são discutidas as entrevistas realizadas com as educadoras contadoras de histórias, nesse momento do estudo, os dados s construídos (APÊNDICES C e D) são analisados. Ainda no mesmo capítulo, discute-se a contação de histórias em Caxias do Sul, contextualizando o município, sua rede escolar e ações de valorização do livro e da leitura. O quinto capítulo elucida as considerações e apontamentos possíveis, encerrando este percurso inicial que a pesquisa na área possibilita.

³ Os teóricos que auxiliaram a fundamentação desta pesquisa são: Freire (1989, 1996, 1998, 2005), Todorov (2012), Candido (2011), Cosson (2009), Yunes (2012), Girardello (2004 e 2012), Tahan (1966).

2 OS LIVROS E AS HISTÓRIAS: APORTES TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta aspectos relativos à contação de histórias no ambiente escolar, às relações que a escola demonstra para promover o encontro entre o livro e o leitor, e os procedimentos adotados para as entrevistas realizadas nas Escolas Municipais de Caxias do Sul.

Para compreender como a literatura é explorada no espaço escolar através da contação de histórias, é necessário que antes façamos estudo minucioso sobre o surgimento da escrita, as primeiras manifestações literárias e sua chegada aos espaços de ensino. É importante, também, compreender de que recursos metodológicos o contador de histórias lança mão quando tem o propósito de promover interação do estudante com a literatura.

Os livros são livres, podem ser acessados por diferentes públicos, mas, por diversos motivos, entre eles, a organização dos títulos, são separados e disponibilizados em categorias. Assim, um livro pode ser alocado em uma biblioteca em determinado segmento, mas pode dialogar com outras áreas. Manguel (2004) alerta que cabe ao leitor libertar a obra do lugar onde ela está.

Desse modo, as bibliotecas escolares recebem acervos literários organizados para públicos específicos, formados por obras selecionadas, por exemplo, pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE. Tais títulos podem ser fonte de enriquecimento literário para a comunidade estudantil, como exemplo da produção literária existente, porquanto que clássicos da literatura, obras contemporâneas e distintos gêneros são ofertados pelo Programa. Acontece que, muitas vezes, o livro estaria ao alcance do estudante, mas não é buscado, retirado da biblioteca, lido e, muito menos, apreciado pelo aluno.

Para alterar esse quadro e libertar o livro do lugar que lhe é determinado previamente, são necessárias estratégias mediadoras da leitura literária. Em geral, os títulos presentes nos acervos do PNBE primam pela exploração da linguagem

simbólica e, frequentemente, não estão entre as obras lidas de modo autônomo pelos estudantes⁴.

O ato de narrar histórias é uma forma bastante antiga de interação e registro oral de acontecimentos entre as pessoas que, com o surgimento da imprensa e, posteriormente, da leitura silenciosa, passou a ser esquecida. No entanto, hoje, a oralização do texto não é mais uma prática que mobiliza apenas pessoas não alfabetizadas; contadores de histórias realizam o caminho inverso, reapresentando histórias contidas nos livros, aproximando os indivíduos da literatura.

Acompanhamos, no decorrer do tempo, contadores de histórias enquanto mercadores de sonhos e portadores de informação de outros povos, que paravam em tabernas ou praças e contavam às pessoas como viviam os habitantes de terras distantes, fabulando e envolvendo quem se acervava, com vozes e gestos. Com o surgimento da escrita, os contadores de histórias seguiram sua evolução no tempo, passando a dar movimento e voz ao texto impresso, proporcionando a crianças e adultos o encontro com diferentes escritores e suas produções. Hoje, com tantos mecanismos eletrônicos que tornam a vida mais individualizada e solitária, a contação de histórias possibilita a integração das pessoas, a vida em sociedade.

Nos espaços escolares, a narração de histórias propicia a fabulação e desenvolve a criatividade no grupo de estudantes, assim como a interagir com o outro, ao encorajar a fala e favorecer a comunicação entre as pessoas.

Ao legitimar a necessidade da contação de histórias no espaço escolar, Souza e Bernardino (2011) afirmam que algumas propostas de formação de contadores têm se ampliado, motivando a preparação de educadores para o ofício. Infelizmente, algumas escolas têm dificuldade para fundamentar e viabilizar o acesso à leitura literária sem vincular a conteúdos e avaliações objetivas. Não se pondera com avaliações objetivas numéricas um processo literário, um tempo de leitura. As mesmas autoras discutem o empobrecimento que acontece com a literatura infantil quando ela é usada como instrumento para avaliação e não como vivência subjetiva. O insucesso na formação de leitores está diretamente ligado aos métodos que o professor emprega ao utilizar o livro literário.

⁴ Investigações já realizadas por pesquisadores do Grupo Linguagem e Educação da Universidade de Caxias do Sul, coordenado pela professora Dr.^a Flávia Brocchetto Ramos, apontam que os títulos mais buscados pelos estudantes são traduções de obras publicadas em série.

Por concebermos a narração de histórias como uma estratégia de leitura e compreensão de mundo a partir da apropriação da linguagem, apontamos um caminho para a necessidade dessa prática no ambiente escolar de forma regular, planejada e contínua, a fim de enriquecer a prática docente, uma vez que o convívio com a literatura amplia conhecimentos e promove aprendizagens. Ainda, vale considerar que, muitas vezes, a criança tem contato com um livro somente na escola, tornando-se imprescindível qualificar o momento de interação com a literatura. (MIGUEZ, 2000, p. 28).

Importa explicitar que defendemos o ato de narrar histórias como recurso pedagógico que não pretende desmerecer a função inicial de formar leitores, de envolver o estudante com os elementos artísticos da interpretação da história; a prática de contar histórias pode estar cercada de todos esses elementos e, ainda assim, contribuir com os demais objetivos propostos por cada escola.

Há educadores que utilizam a contação de histórias somente para acalmar as crianças, deixando de lado inúmeras possibilidades que uma boa história reserva. A escola pode encontrar nas artes e, em especial na contação, de histórias um espaço de diálogo com os estudantes e com a comunidade escolar, aproximando os sujeitos.

Somente me constituindo como sujeito posso aspirar a igualdade na minha relação com o outro. E a arte cumpre um papel nesse sentido. Dizendo quem sou através do que faço, dialogo com os outros em um processo poroso que permite interpenetrações criativas, por meio de formas, sons, cores e palavras. (FARIA & GARCIA, 2002, p. 121).

Oportunizar aos estudantes espaços de relação com a palavra por intermédio da contação de histórias é possibilidade múltipla de conhecimento. Cada vez mais estamos nos distanciando da arte de contar histórias, dos narradores que podiam facilmente relatar suas vivências nas rodas que se formavam, tornando-se mais frequente a percepção do embaraço e a dificuldade na comunicação oral. Segundo Benjamin (1985, p. 197), “[...] são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. A contação de histórias pode auxiliar na redução do constrangimento que se forma entre os estudantes no momento de expressar-se oralmente, encorajando-os para a fala, para a aquisição de outras experiências a partir da expressão verbal.

O anseio em pesquisar a contação de histórias como procedimento de mediação de leitura literária remete também às vivências com minha narrativa oral. A experiência como contador permitiu que eu presenciasse inúmeras propostas e caminhos para o contato com a leitura, sendo que muitas dessas ações proporcionam o encontro com o livro, mas não a sua total compreensão e as ramificações que podem derivar desse texto. Promover contações de histórias para estudantes de diferentes níveis da Educação Básica, primando pela compreensão das obras contadas e pela relação com as vivências de cada participante intensificou a relevância deste estudo realizado.

Para não trilhar caminhos já percorridos, antes investigamos estudos realizados na área de contação de histórias e mediação de leitura com os seguintes termos: “Contação de histórias” e “Contação Histórias”. As pesquisas foram efetuadas no Banco de dados da CAPES, em maio de 2016, sendo encontrados 7 artigos sobre o tema e 11 teses ou dissertações. Os achados encontram-se nos apêndices *E* e *F* (descritos ao fim desta Dissertação). Dentre as pesquisas, destaca-se a de Rossoni (2013), que analisou dissertações e teses contidas no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, no período de 1999 a 2011 e faz uma reflexão teórica sobre o fenômeno da contação de histórias e a relevância no fazer docente. A autora conclui que a contação de histórias é uma viabilidade metodológica de inúmeras aprendizagens no contexto escolar. Entretanto, constata que esta ação acontece ainda de forma muito tímida.

Diante do cenário identificado por meio da busca no banco de dados da CAPES, a esta pesquisa propôs-se a estudar a contação partindo do olhar inicial do contador e de suas estratégias para envolver os estudantes. Com este trabalho, buscamos compor uma importante fonte de pesquisa para o aperfeiçoamento da prática da contação de histórias na escola, alinhada com os propósitos do letramento literário.

Como meio de descortinar o estudo realizado, apresentamos algumas discussões teóricas que subsidiam nossa compreensão acerca do tema abordado e explicitamos os conceitos basilares da pesquisa.

A investigação filiou-se a pressupostos qualitativos e teve caráter propositivo, visto que o desenvolvimento desta investigação contemplou diferentes

procedimentos. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, visando discutir os conceitos fundamentais para o trabalho, neste caso, mediação do *texto literário* e *contação de histórias*, como estratégia de mediação de *leitura literária*. Para fundamentar essas questões, foram trazidas contribuições de Todorov (2012), Candido (2011), Cosson (2009), Yunes (2012), Giraldello (2004 e 2012), Tahan (1966), entre outros teóricos.

Antonio Candido (2004, p. 174) defende: “não há povo e não há homem que possa viver sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...]”. As nossas trajetórias de vida estão intrinsicamente ligadas aos momentos que tivemos com a família e as vivências que obtivemos nos bancos escolares. Nessa vasta barca de vivências, as histórias contadas e o texto escrito, apresentados por familiares e educadores, permanecem em nosso imaginário. A Educação Básica encontra na contação de histórias uma oportunidade na qual o professor, antes de apresentar a literatura impressa, consiga resgatar a tradição da oralidade, da encenação das obras.

É premente a necessidade de aproximar as pessoas, sensibilizar o humano para posteriormente agirmos com clareza frente aos fatos de nosso cotidiano. A literatura, por meio de ações efetivas de mediação de leitura, da narração de histórias, pode desenvolver a sensibilização necessária. Como afirma Todorov (2012, p. 97), carecemos de retomar a relação fidedigna da literatura com a vida, pois, se “[...] o objeto da literatura é a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas sim um conhecedor do ser humano”. Para além de estimular o imaginário, a literatura pode conter personagens que promovem o autoconhecimento e ajudam a superar dificuldades, ensinando como agir na vida real, conforme explica Tahan (1966):

A história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam ao patrimônio moral de nossa vida. Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, conscientemente, já vivemos na história (TAHAN, 1966. p. 22).

Alicerçados na importância da leitura e do ato de contar histórias, voltamos nosso olhar ao profissional que realiza esta ação, o intermediário de leitura, que irá servir o leitor de bom texto, a fim de que surja o desejo de aprofundamento dessa experiência, por meio do encontro com o livro. Para Girardello (2006), na atualidade

estamos acompanhando o surgimento de muitos grupos de contadores de histórias. A práxis, que por muito tempo foi solitária, hoje encontra outros adeptos para a garantia de perpetuação do ofício. Segundo a autora, muitas instituições estão investindo na formação de contadores/mediadores de leitura, conquistando mais adeptos, logo, mais contadores de histórias.

O contador pode auxiliar o leitor na tarefa de compreender e dar sentido às palavras, chamando os sujeitos à inserção no texto. De acordo com Yunes (2012), a leitura concorre para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes, pois apura a capacidade de reflexão sobre a realidade. Para a autora,

Resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito, isto é, fortalecendo o espírito crítico. (YUNES, 2012, p. 54).

A fim de que se efetive a proposta de oferecer a leitura como modo de aperfeiçoamento humano, faz-se necessário organizar estratégias de aproximação com o universo literário no ambiente escolar, conforme argumentam Souza e Cosson (2011): “o letramento literário requer da escola um tratamento diferenciado que enfatize a experiência da literatura”, ou seja, aproximar de maneira amistosa leitor e literatura, visto que somente a prática de leitura consegue efetivar. Para atender a essa demanda, ações de dinamização de leitura como a contação de histórias são boas ferramentas para o letramento literário. Ainda para Souza e Cosson (2011), “o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem”, ou seja, compete a literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2009, p. 17).

Buscando indicar a narração de histórias como recurso para o letramento literário, a segunda parte da investigação consistiu na realização de uma entrevista com cinco contadoras de histórias, professoras da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, objetivando apontar critérios e caminhos para a contação de histórias. Ainda nesta etapa, foram explicitadas ações desenvolvidas pelo Governo Federal, visando à promoção de leitura, como PROLER e Programa Nacional

Biblioteca da Escola (PNBE). Ao apresentar os relatos obtidos nas entrevistas, foi possível a definição de princípios/procedimentos/recursos que podem ser empregados na contação de histórias em diferentes espaços escolares. Essa parte da investigação é construída a partir de estudos teóricos, das entrevistas e de vivências e observações do pesquisador⁵.

Com este estudo, conceituamos a contação de histórias frente aos diferentes níveis da Educação Básica e trazer propostas de mediação de leitura a partir da prática de contar histórias. Para tanto, foi crucial as experiências das entrevistadas. Nossa intenção é indicar a prática da contação de histórias como possibilidade para o letramento literário aos professores, principalmente das escolas públicas, que são o alvo de obras do PNBE e, também, constituem-se como os principais mediadores de leitura para crianças e adolescentes no Brasil. O foco deste estudo são os professores contadores de história, mais especificamente, o perfil das cinco professoras⁶ da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul a ser apresentado no quadro a seguir:

Quadro 01 – Características das professoras contadoras de histórias entrevistadas.

Pseudônimos	Local da entrevista	Tempo da entrevista	Período na Rede Municipal	Período contando histórias	Idade
Açucena	Biblioteca da EMEF Bento Gonçalves da Silva	15'23	23 anos	15 anos	42 anos
Amor Perfeito	Biblioteca da EMEF Américo Ribeiro Mendes	17'25	30 anos	07 anos	54 anos
Hortênsia	Biblioteca Parque da Estação	19'30	37 anos	17 anos	57 anos
Íris	Residência da Entrevistada	18'25	31 anos	23 anos	53 anos
Papoula	Biblioteca da EMEF Angelina Sassi Comandulli	18'19	19 anos	13 anos	47 anos

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

⁵ O pesquisador é contador de histórias e participa de eventos como feiras do livro em que tais ações de mediação ocorrem com frequência.

⁶ Optou-se por resguardar a identidade das professoras entrevistadas. Esta iniciativa não prejudica o desenvolvimento do estudo, e a escolha por pseudônimos de flores deve-se à semelhança e importância que tais profissionais têm ao aproximar a literatura das pessoas.

A respeito da entrevista, Zago (2003) diz que podemos compreendê-la um processo que exige respeito ético e objetividade no seu desenvolvimento; que nenhum método vai conseguir absorver todos os questionamentos e, futuramente, outros estudos irão ampliar estas discussões. Assim, o pesquisador não tende a ver este procedimento como uma técnica de coleta de dados, e sim como um elemento fundamental para a construção do objeto de estudo. É importante que a entrevista não seja rígida, que contenha perguntas abertas e roteiro flexível, e que o entrevistador busque estimular a memória do entrevistado, percebendo as alterações do entrevistado e fazendo estes registros em seu diário a partir de fichas para auxiliar outras pesquisas e da coleta dos dados do entrevistado já no início da entrevista, assim como providenciar um Termo de Consentimento Informado.

Zago (2003) afirma que há a existência de um consenso entre vários teóricos de que as boas entrevistas seriam menos relacionadas às questões de técnicas de condução e mais à capacidade de obter confiança dos pesquisados. “É esta relação de confiança que o entrevistador consegue estabelecer que conduzirá a coleta de um material suficientemente rico para ser interpretado”. (ZAGO, 2003, p. 302).

No decorrer da apresentação deste estudo, conheceremos um pouco mais sobre cada uma das entrevistadas no âmbito do exercício de contar histórias a partir do relato de suas experiências e modo de atuação.

3 A LITERATURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DO LIVRO À PALAVRA

Partimos do pensamento de que a literatura humaniza, liberta, uma vez que, ao ler, é possível ocorrer uma modificação da subjetividade. Toda pessoa tem direito a ler, a ter acesso à literatura, a vivenciar as mais diferentes histórias, transitar em muitos lugares e tempos, encontrar-se com o livro em seu lar, na escola, na biblioteca ou na praça deserta, ao fim da tarde. A literatura oferta, por meio de seus romances e poesias, contos e lendas, a possibilidade de libertação do óbvio; habilita “[...] o direito de ler para poder se encontrar com o outro, com o mundo e consigo mesmo. O direito de ler para escrever, reinventar e transformar o mundo.” (SANTOS, 2009, p. 38). Por esse motivo, é importante que ela esteja ao alcance permanente das pessoas.

A literatura, dentro de uma sociedade justa, corresponde aos anseios profundos dos seres humanos. Candido (2004) chama de literatura todas as concepções poéticas, ficcionais ou dramáticas, em todos os níveis de uma sociedade. A literatura aparece como manifestação universal, presente em todos os tempos, não sendo possível um ser cruzar seu dia sem fabular. Durante o sono, o indivíduo sonha, e, nesse momento, acontece a fabulação que será externada durante o dia.

A literatura age no grupo social de diversas formas, dando significado aos sujeitos que vivem naquela comunidade, visto que, por meio da ficção, recriam-se signos, criam-se distinções, pois se identificam nas histórias questões e conflitos inerentes ao humano, que auxiliam na constituição dos indivíduos a partir da reflexão. Segundo Candido:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 177).

Pensar a literatura como direito assegurado pela escola é fundamental, a fim de propiciar ao estudante o reconhecimento da realidade e a construção de sua identidade a partir da fantasia. Lajolo e Zilberman (2001) destacam que a influência no espaço escolar e o contato com as manifestações artísticas tornam-se elementos

fundamentais para a identificação de um jovem, destacando, entre as artes, a colaboração da literatura, com suas múltiplas interpretações.

A literatura transcende os espaços escolares, mergulha no imaginário, na fabulação, na recriação, no sonho, na fantasia. A literatura está ligada ao *eu* e ao *eu* sonhado, já que, por meio das palavras, dos textos, é possível ressignificar o lar, a família, os amigos e o mundo em que vive. Esse aguçar de ideias é de essencial relevância para a criança, permitindo seu gradual desenvolvimento e amadurecimento.

Todorov (2012) aponta, em diversos exemplos, o quanto a literatura transformou pessoas no passar da história, de modo que o livro, seu conteúdo e o leitor estabelecem uma relação única. Os livros oferecem a recriação de lugares, situações e condições que podem amenizar a dor, instigar a coragem e transportar o leitor a outros lugares. Para comprovar, Todorov cita uma passagem de Charlotte Delbo, explicitando o momento em que ela descobre que os personagens dos livros podem ser seus amigos verdadeiros:

As criaturas do poeta', ela escreve, 'são mais verdadeiras que as criaturas de carne e osso, porque são inesgotáveis. É por essa razão que elas são minhas amigas, minhas companheiras, aquelas graças às quais estamos ligados a outros seres humanos, na cadeia dos seres e na cadeia da história'. (TODOROV, 2012, p. 75)

O leitor, quando se envolve com o texto, pode encontrar relações com a sua vida e, nesse momento, dar novos sentidos a sua própria história. Sendo assim, ele se entrega à leitura de forma voraz, buscando o final para encontrar o seu próprio final, que pode ser feliz ou não, sendo como o leitor deseja e recria, em parceria com o texto produzido pelo escritor. As amizades que o leitor estabelece com as personagens dos livros, a cumplicidade, a dedução que aquela personagem pensa como a si próprio é caminho sem volta para o leitor apaixonado pela palavra escrita.

Ao mesmo tempo, o leitor, se não se identifica com uma obra, deixa a mesma de lado e procura outra que esteja de acordo com os seus anseios e que complete as suas necessidades, diferente da vida real, em que as pessoas que nos cercam são sempre as mesmas e com as quais precisamos aprender diariamente a conviver. Já quando essa vida ganha o encontro com o livro, ganha também forças e habilidades para, após a leitura, reconhecer-se sábia para uma vida terrena muito mais profícua. Segundo Todorov,

[...] a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2012, p. 76).

Ao sintetizar a experiência humana mediante criação de situações singulares, a ficção é um caminho para a significação das pessoas. Desse modo, um texto literário é lido e aspirado, interpretado e utilizado de diferentes formas por seus leitores. Ao ler uma obra, não há preocupação com a veracidade dos fatos, mas sim com a inquietação que ela produzirá. Diferentemente de um texto científico, que busca a comprovação de uma comunidade para ter validade, a literatura busca a verdade de cada leitor, em diferentes tempos e lugares. No passado, o texto ficcional era afastado dos estudantes para que estes não imitassem o pensamento de outros. Hoje, com o acesso à internet e televisão em tempo integral, há uma condução para essa condição, e o livro pode servir como ferramenta de não alienação. Assim, a

[...] literatura tem um papel particular a cumprir nesse caso: diferentemente dos discursos religiosos, morais ou políticos, ela não formula um sistema de preceitos; por essa razão, escapa às censuras que se exercem sobre as teses formuladas de forma literal. (TODOROV, 2012, p. 80).

É possível encontrar em uma boa história mais verdades desagradáveis que na obra filosófica ou científica, de modo que ela se multiplica entre os seus leitores. No romance, por exemplo, podemos conhecer uma infinita recriação de outros seres, viver experiências novas e desenvolver capacidade de comunicação com seres diferentes. Assim, cada vez mais, a literatura deixa evidenciada a sua relação com o mundo e, por isso, é percebida como necessária. As histórias contidas nos livros podem possibilitar a vivência de realidades nunca imaginadas, que são, segundo Vargas Llosa, “[...] um paliativo astuto e sutil para esse divórcio entre a nossa realidade limitada e os nossos apetites desmedidos: a ficção” (VARGAS LLOSA, 2004, p. 25). Portanto, estabelecer relação entre o texto literário e o estudante, inicialmente por meio da mediação do narrador de histórias, surge como caminho para a experiência humana.

Refletindo sobre a importância, a presença e a real apropriação da literatura, emerge o conceito de *letramento literário*, já que não adianta saber ler palavras, compreender o texto e não conseguir significar e atribuir sentidos particulares ao lido a partir do estabelecimento de relações com o cotidiano, com a sua localidade e com a sociedade. Assim, o letramento literário é compreendido como:

[...] uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma, que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p. 23).

É importante que a escola disponibilize ao estudante a apropriação da literatura como alimento para a sua existência, no entanto, deparamo-nos frequentemente com escolas sem bibliotecas funcionando; com poucos educadores leitores e, conseqüentemente, que não proporcionam aos educandos o contato com a ficção. Desta forma, a escola acaba contribuindo para o distanciamento entre jovens e livros e para a falta de interesse pelo pensar literário. Assim, ao referirmos o público da escola envolvido com a leitura, algumas questões pairam nossa mente, conforme sugere Leahy:

O que então acontece na vida desses leitores potenciais, cujo ambiente principal de leitura é a escola? O que é feito do texto literário quando se torna objeto de estudo? Como é a relação dos estudantes com o livro mediado pelo espaço escolar? Quem é o aluno antes e depois de trabalhar com a arte literária e estudar literatura? Haverá alguma transformação relevante em sua visão do texto, de si, do mundo? Como fica sua relação com a palavra-arte depois que experimenta esse texto/tecido no espaço pedagógico da escola? Haverá uma associação entre leitura e prazer? (LEAHY, 2013, p. 1).

Desejamos leitores que se apropriem do texto e deem vazão ao imaginário, que interajam com a erudição em plano mais profundo, para além de uma leitura de decodificação; que desenvolvam a capacidade de pensar e agir com autonomia. Precisamos “[...] tornar o mundo compreensível, transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2009, p. 17). E, para cumprir esses objetivos, apresentamos a contação de histórias como uma possibilidade de concretização do letramento literário.

3.1 A LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR

Neste tópico, falaremos brevemente de como a abordagem da literatura na escola foi modificando-se ao longo do tempo, até chegarmos à atualidade, quando se percebe uma preocupação por parte do Estado em consolidar a presença da literatura na vida dos estudantes brasileiros.

A forma como os educadores trabalham a literatura modificou-se nos últimos anos? Quais são os pressupostos teóricos e metodológicos adotados pela rede de ensino para promover a leitura e o fazer literário? Apresentaremos a seguir um perfil do trabalho que as escolas têm desenvolvido com a literatura fundamentados no linguista e filósofo Todorov (2012), nascido na Bulgária que escolheu a França desde 1963 para desenvolver seus estudos, o autor afirmou, “se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver” (TODOROV, 2012, p. 24).

Todorov explica que a literatura, durante os seus 25 séculos de existência, deixou de falar sobre e para o mundo real, isso não pela falta de bons escritores, mas pela forma como passou a ser ofertada desde a escola primária. No espaço escolar, a literatura é iniciada ao estudante como uma disciplina, e não como experiência. O autor deseja ver o texto literário na escola com importante papel na formação dos indivíduos, assim como nos cursos de Literatura.

A preocupação do autor está em, inicialmente, apropriar-se do texto, depois classificá-lo. Para exemplificar esta necessidade podemos pensar na obra do escritor Machado de Assis, sem o objetivo de inicialmente rotular ou apresentar o autor, inserindo-o em algum período da literatura no país, mas que sua obra seja lida, debatida, viver as histórias apresentadas na obra Dom Casmurro, A Cartomante, Memórias Póstumas de Brás Cubas e nos demais escritos do autor são mais importantes para o envolvimento com a literatura. A vivência com o universo literário promove a descoberta de outros mundos, outras vidas, instiga o pensamento e proporciona enriquecimento intelectual. Não conseguindo alcançar esses objetivos, a literatura perde sua força transformadora.

Sob a bandeira do *estruturalismo*, em meados de 1960 e 1970, aconteceu uma mutação no ensino da literatura na escola, a qual foi responsável pelo que se vê na atualidade; os estudantes de ontem são os professores de hoje. Para Todorov

(2012), a literatura era ensinada como nos dias atuais; somada à explicação do texto, existia preocupação de contextualizar o autor, o texto, o período vivido, a origem de possíveis personagens e outros elementos que facilitariam uma compreensão completa da obra literária. Escreveu Todorov, “a meu ver, tanto hoje quanto naquela época, a abordagem interna (estudo das relações dos elementos da obra entre si) devia completar a abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico, estético).” (TODOROV, 2012, p. 36).

Contudo, não só o estruturalismo é responsável pela forma que se apresenta a literatura hoje, pois meio século antes desse, a história literária dominava o espaço universitário, fazendo o estudo das causas que propunham o surgimento da obra. Esse estudo não era considerado científico o bastante e as obras ficavam renegadas a outros escritores e críticos de jornais. “A tradição universitária não concebia a literatura como, em primeiro lugar, a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade, tampouco como interpretação do mundo”. (TODOROV, 2012, p. 38).

Na atualidade, a literatura tende a ser vista isoladamente. No Ensino Médio, por exemplo, geralmente, não é contextualizada. Todorov preocupa-se com ensino da literatura como uma possibilidade de compreensão dela mesma e não de seus estudos literários; o autor propõe apropriar-se do texto pelo seu caráter subjetivo, e não de suas classificações de gênero e período.

Para ilustrar as atuais limitações no ensino da literatura, buscamos um estudo realizado em Porto Alegre com as práticas pedagógicas dos professores da área nas escolas da Educação Básica. Como mostra o trabalho acadêmico de Marisa Cardoso Piedras (2007) sobre o ensino de literatura em quatro escolas particulares de Ensino Médio do município de Porto Alegre/RS, “o padrão de ensino da história da literatura continua submisso aos seus estilos, períodos e à concepção evolutiva da historiografia”. Segundo a pesquisadora,

[...] planos de conteúdos, tanto nas escolas particulares como nas públicas, mostram uma história da literatura com uma percepção historicista de evolução linear, baseada na continuidade. Não há fragmentação no alinhamento dos assuntos literários, que se organizam temporalmente, do mais distante ao mais próximo (PIEDRAS, 2007, p. 84).

Como estímulo ao contato e ao trabalho com esse fazer literário, a Lei Federal nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, institui a Política Nacional do Livro. Em

seu primeiro capítulo, assegura aos cidadãos o acesso e o uso do livro como elemento fundamental de apropriação de conhecimentos, fomento à pesquisa, aperfeiçoamento social e científico. O documento busca garantir que a população tenha condições de utilizar o livro como ferramenta para ascensão na sociedade. Para tanto, indicam-se ações que possibilitam o acesso e promovem a formação de leitores, instalando e ampliando livrarias, bibliotecas e outros espaços de alcance ao livro. Com essa Lei, é papel do governo ampliar, criar e executar projetos de promoção da leitura, em pacerias públicas e privadas, no âmbito nacional.

Embora tenha sido publicada em 2003 uma lei para fomentar a circulação do livro, desde a sua publicação até o acesso ao leitor, somente em 1997 o Ministério da Educação e do Desporto, preocupado com o acesso ao livro no espaço escolar, publica a Portaria nº 584, que, em seu artigo 1º, institui o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), objetivando adquirir obras de literatura brasileira e outras produções, que pudessem auxiliar o professor e incentivar o hábito da leitura. Conforme o Ministério da Educação, em seu portal na internet - Brasil (2008)⁷,

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito em anos alternados: em um ano são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos. Já no ano seguinte são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. (BRASIL, 2008, online).

Ao acompanhar leis e portarias federais, percebemos uma relevante preocupação com o acesso ao livro e o desenvolvimento do hábito da leitura entre os brasileiros, em especial, entre os estudantes da rede pública de ensino. Com acervos de quantidade e qualidade adequadas, por meio de seu corpo docente e parcerias, dinamizam-se, das mais variadas formas, o contato com o livro entre os estudantes. Mesmo assim, é necessário ampliar programas e aferir se as ações realmente estão favorecendo a formação de leitores no espaço escolar.

⁷ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em 18 fev. 2017.

3.2 A CONTAÇÃO COMO ELO LITERÁRIO

Consideramos a contação de histórias um elo imprescindível entre teorias, vivências e conhecimento. Sob tal perspectiva, neste tópico vamos indicar algumas possibilidades para efetivarmos o trabalho literário e os saberes que a contação de histórias oportuniza.

Toda vida e todo conhecimento do mundo podem ser interpretados por um narrador de histórias, mas quantas histórias um contador carrega? Não é possível afirmar, com exatidão, mesmo quando um profissional possui uma lista com suas histórias para contar, ao realizar a contação, teremos uma nova interpretação, um novo conto será levado à cena, podemos pensar na contação como elo literário entre o tarefeiro contador e uma multidão de espectadores.

A contação de histórias tem a capacidade de desencadear a multiplicação de relatos e fatos que, bem contados, instigarão no receptor o desejo de ouvir outras vezes a mesma (ou uma nova) história, de lê-la e, por vezes, recontá-la. Ainda, segundo Meireles (1979), “o ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida”. (MEIRELES, 1979, p. 41).

Essas possibilidades de exercício de contação de histórias permeiam a criatividade, o conhecimento do acervo literário a ser visitado e a relação estabelecida com o universo do estudante. Sob este último aspecto, o universo do estudante, Cosson (2011)⁸ faz a seguinte ponderação:

Há, ainda, que se respeitar as preferências de leitura, sem deixar de desafiar o gosto estabelecido, compreendendo que o aluno está em processo de formação e precisa ampliar as suas referências culturais. Esses e outros procedimentos, no entanto, precisam ser ordenados e articulados em um todo coerente. (COSSON, 2011, p. 291).

Entendemos que a contação de histórias como ação para o letramento literário promove a formação de novos leitores e multiplica o conhecimento da

⁸ Cosson, em seu estudo, discorre sobre a mediação literária, mas não aponta a contação de histórias. Visto que, utilizou-se deste conceito de mediação para corroborar acerca da importância da contação de histórias.

comunidade escolar (professores, estudantes e familiares), pois o contato com o conteúdo simbólico responde a necessidades afetivas e intelectuais. Dessa forma, possibilitar a ação de narrar histórias, da oralidade como prática e saber, é fundamental para a educação.

Para mobilizar a imaginação do espectador, o narrador de histórias mostra-se um artista performático, transmitindo seus contos por meio da voz, do corpo, gesto e elementos cênicos. “A *performance* está presente. Você só pode me falar neste exato instante e eu não posso ouvir nada do passado” (ZUMTHOR, 1997, p. 61). Este personagem que motiva o envolvimento com tantas histórias é o próprio criador do efêmero, cria uma *performance* única, “[...] designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes nesse ato de maneira imediata.” (ZUMTHOR, 2000, p.59)

Ao iniciar sua ação, o contador pulsa, e a plateia o acompanha, envolvendo-se com a história que, ao mesmo tempo, passa a ser sua. Ele, o contador, promove uma vibração corporal no grupo, que é ele próprio, e a *performance* é criada neste momento, a história lhe pertence, a noção da presença de um corpo como elemento fundamental para a tarefa é compreendida. A contação de histórias como manifestação artística permite interação entre contador e público, o corpo e a voz propiciam experiências coletivas, dificilmente percebidas nos atropelos da vida moderna, mas eternizadas no instante em que os elementos físicos do contador encontraram-se com os sentidos de seus espectadores.

O corpo é o peso sentido na experiência que faço (...). Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo (...). Na situação performática, a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília. (ZUMTHOR, 2000, p. 28 e 80).

Para um contador de histórias, o texto interpretado, contado ou recontado, significa a sua própria realização, um desejo pleno ao conseguir a atenção do público por meio da arte; por isso, uma história, para ser contada, precisa antes sensibilizar o contador, somente assim conseguirá envolver seu público.

Um professor que escolhe narrar histórias no ambiente escolar está cercado de responsabilidades, de objetivos, enquanto um artista que percorre muitos lugares

realizando esse ofício, participando de eventos literários, por exemplo, não carrega as cobranças necessárias que um ambiente escolar impõe. No ambiente escolar, o profissional torna-se um mediador, fazendo da sua contação palco para o livro, e não para a sua *performance*, o que acontece frequentemente em eventos públicos, devido à necessidade de envolver a plateia.

Quem se propõe a contar histórias no espaço escolar busca perceber quais são as características de cada estudante, sua forma de pensar, de ver o mundo, de agir e de se emocionar. Todas essas percepções são dinâmicas, singulares e se dão por meio de constantes interações com outros e com o meio, constituindo intercâmbio social e apropriação da cultura. Assim, para apresentar enredos que atendam aos anseios dos seus estudantes e os aproximem da leitura, o professor que se propõe a contar histórias naturalmente tende a agregar elementos subjetivos do grupo para o qual se apresenta.

O profissional da educação que realiza a contação de histórias na escola pode promover transformação constante do espaço e do grupo a partir da novidade, da dúvida, da curiosidade e da identificação que a literatura oferece. Paulo Freire (1996, p. 55) afirma que “como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente”. O contador convida o estudante a sair da escola sem sair do lugar, motiva-o a perceber a escola como um local de experiências que marcarão sua vida. Partimos do pressuposto de que esse profissional, na instituição escolar, interage e proporciona aprendizagens por meio de histórias, assim como momentos de desenvolvimento da subjetividade. A esse respeito, ainda Paulo Freire destaca:

A educação constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas ideias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1998, p. 96).

A contação de histórias e o envolvimento com os livros possibilitam a interação que Freire vislumbrou; uma relação de compartilhamento de experiências tão importante durante toda a história da humanidade e, por vezes, ausente em tempos atuais.

Em um diálogo com Papert, o autor expressou a seguinte ideia: “a minha questão não é acabar com a escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia” (FREIRE & PAPERT, 1996, p.78). A escola busca uma nova identificação com a sociedade, e a contação de histórias manifesta-se como um caminho nesse processo de mudança.

Apoiando-se novamente em Vigotski (2002), lembramos que as ferramentas e os símbolos são objetos sociais, cunhados e postos culturalmente para mediar a relação das pessoas com o mundo. Fazendo uma apropriação dessa teoria, indicamos como instrumento de conhecimento a figura do contador de histórias e as obras por ele apresentadas aos estudantes sob o objetivo de:

[...] servir como condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudança nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. (VIGOTSKI, 2002, p. 73).

Compreendemos, então, que os contadores de histórias nos espaços escolares podem atuar no desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes, por meio das obras literárias eleitas, tendo em vista tanto o letramento literário dos pequenos quanto a ambientação social do grupo.

3.3 O LETRAMENTO LITERÁRIO: PROGRAMAS DE LETRAMENTO

Neste tópico, discutiremos a importância e necessidade da promoção da literatura na escola a partir da articulação do conhecimento literário dos mediadores, em especial, os contadores de histórias, foco deste estudo.

Quando um aluno é motivado pelo seu professor para a leitura, é porque identifica nesse profissional o prazer em ler, o desejo pelo livro, e não apenas uma orientação sem valor pessoal, pois “[...] para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece”. (VILLARDI, 1997, p. 2). Assim o faço, como profissional, nas minhas contações de histórias em escolas, feiras de livros e eventos literários, pois é a maneira mais eficaz de envolver a plateia.

Muitos educadores indicam a leitura de obras como tarefa, não como prazer já experimentado e agora ofertado aos seus educandos. Para um professor

conseguir realmente mobilizar um grupo em programas de letramento, como artífice das palavras, é necessário que ele antes seja um leitor. Com a manifestação do seu prazer pela literatura, o estudante poderá buscar o livro, ora por curiosidade em saber o que gera tamanho entusiasmo do seu professor, ora pelo desejo de também transitar pelas mesmas experiências que a leitura antes promoveu em outra pessoa.

Contudo, para que o estudante persista na leitura e desenvolva o hábito de ler obras literárias, importa estabelecer ações permanentes na escola. Caso contrário, na primeira adversidade de compreensão, na primeira dificuldade semântica de um texto mais complexo, pode haver a desistência do livro, como explica Ramos (2010).

Quando um livro chega até o leitor, já tem um bom caminho percorrido, mas ainda não foi lido, diferente das outras artes, que não precisam de entrega absoluta, a leitura “absorve, é exigente”, não é possível fazer outras atividades enquanto se lê. Pensar na formação do hábito da leitura de alunos na escola é pensar em meio caminho percorrido no encontro com o livro; ambos podem ter chegado até a biblioteca escolar, mas serão necessários mecanismos eficientes para que o aluno entregue um tempo exclusivo do seu viver para a leitura, e, praticando-a com frequência, consiga descobrir quais são seus gostos literários.

Para desenvolver a prática da leitura no espaço escolar, vislumbramos o professor como o mediador que auxilia na construção do imaginário dos estudantes. Mediando o encontro entre livro e leitor, o professor vai possibilitar a criação de caminhos diferentes para a mesma obra em cada aluno, estabelecendo um esquema que motiva a ação do espectador leitor sobre a obra. Portanto, o mediador de leitura é capaz de estabelecer a ligação entre o livro e o leitor, podendo ser, no nosso caso, um narrador de histórias, que fará a apresentação inicial do texto, instigando crianças e jovens à leitura da obra.

Antes mesmo do surgimento da escrita, como a conhecemos hoje, com seus símbolos e códigos, as pessoas se comunicavam por meio dos gestos, da mímica, do ritmo, da oralidade e de outros elementos. Estes modos de comunicação humana não desapareceram com a escrita, mas ela “agregou novos itens como lógica, sequenciamento, deciframento, recomposição imagética, reflexão” (YUNES, 2012 p. 60), ampliando as possibilidades entre o contador de histórias e o ouvinte, com o surgimento de outros elementos além do corpo e da voz.

A narração de histórias nos surge de várias formas na escola, na biblioteca, em grupos de amigos, mas, muitas vezes, as histórias que mais resistem ao tempo em nossa memória são as contadas em família. Podem até não terem sido evidentemente uma contação, pode ter sido um recitar de poesia, um cantarolar melódico, porém ficam os registros destes momentos concretizados pela literatura.

Um grupo de pessoas se aproxima de um contador de histórias pela sua força ou delicadeza de linguagem, pelo ritmo das palavras, pela sua dança corporal. Quem teve a sorte, na infância, de conhecer a literatura transmitida oralmente, sabe que nossos familiares mais velhos não precisavam bailar para nos envolver em suas histórias, bastava que nos chamassem ao seu lado ou, por que não, no seu colo, e nos contassem suas histórias, as quais aguçariam a fantasia.

Quem ensinou um contador a nadar entre as palavras e metáforas literárias, ligando tantos mundos? Quem nos contou as primeiras histórias? Para muitos de nós, nossos antigos – avós ou vizinhos mais idosos.

Segundo Yunes (2012), a contação de histórias foi sempre um momento de ricas experiências na infância; muitas das histórias contadas acabavam por se tornar causos daquela localidade, um misto entre fantasia, sonho e realidade. A tradição oral, o uso da palavra para resgatar histórias populares, tornou-se cada vez mais uma “prática sedutora e fascinante, capaz de reunir um público heterogêneo em idade e interesses” (YUNES, 2012, p. 61). A manutenção da tradição da palavra segue cada vez mais como elemento ligante da humanidade.

A contação de histórias nunca deixou de existir, mas para alguns era apenas atividade realizada para as crianças. Entretanto, os adultos também são desejosos destes momentos. Para essa demanda, surgiram alguns lugares e as mais variadas denominações de profissões, como os contadores de histórias e os leitores de textos (mediadores de leitura). Cada vez em espaços mais distintos, a leitura em voz alta ou a contação de histórias ganha importância. Yunes (2012) alerta o seguinte:

Grande parte da dificuldade das crianças na iniciação escolar de camadas populares vem de uma oralidade fraca, fragmentária, em que o pensamento não se desdobra com a coerência, por exemplo, que a escrita demanda. A retomada da função do leitor comparece hoje em estratégias de formação de leitores, em políticas que se utilizam de agendas de leitura como práticas de aproximação do livro. (YUNES, 2012, p. 69).

O narrador de uma história carece de público; é um rio que liga dois mundos: de um lado o livro, do outro lado os olhares de sujeitos que mergulham na história através da vertente, que é o contador.

Ao nos depararmos com uma história, que poderemos escolher contar ou não, permitimos que nosso eu criança faça essa seleção. Segundo Girardello (2012 p. 45), “quem escolhe as histórias para as crianças de hoje são as crianças de ontem!”. Revivendo nossa criança, escutando-a, poderemos oferecer boas histórias para os pequenos na atualidade. A sensibilidade, o desejo de envolver o público com narrativa de qualidade, nos faz registro na memória dos adultos do amanhã.

Hoje, com adultos envolvidos em tantos afazeres, crianças com inúmeras possibilidades tecnológicas, são os contadores de histórias que criam as janelas para a *Terra do Nunca*, para o *Sítio do Pica Pau Amarelo*, para a maçã envenenada pela madrasta, para o sono da Bela Adormecida, para o peixe rei que dançava com a sereia. Sobre essa cumplicidade que se estabelece a partir da expressão literária, Girardello (2012) reflete o seguinte:

Quando crianças e pessoas com longa experiência de vida conseguem se encontrar de fato na clareira de sentido inaugurada por uma narrativa compartilhada, o que ocorre não é uma lição ministrada por quem sabe e quem não sabe, mas um diálogo do qual ambos são autores, no qual ambos fazem perguntas e esboçam respostas sobre os mistérios que veem na vida, a partir do lugar único no tempo humano em que se encontram, o presente. (GIRARDELLO, 2012, p. 56).

A ação de contar histórias, desempenhado por contadores e outros mediadores, está repleto de significados, tanto para o contador quanto para o espectador. A contação de histórias faz uso da oralidade e da expressividade corpórea e pode acontecer por meio da encenação de contos, causos e lendas ou, até mesmo, de fatos da atualidade. Ainda, “contar histórias é o exercício de cidadania e a linguagem artística mais democrática que eu conheço: não exige um espaço fechado nem aparatos e tecnologia específicos. Basta um que conte e um que ouça.” (SISTO, 2012, p. 11).

Sisto (2012) afirma que, nos dias atuais, poderia não existir mais a necessidade de contadores de histórias, pois não há mais castelos medievais com uma fogueira e amigos ao redor contando suas façanhas. No entanto, o contador de histórias ainda é capaz de mobilizar pessoas ao seu encontro. Ele oferece utiliza sua

astúcia ao ler uma obra e escolhe o que pode levar e como levar ao seu público. Já o leitor, tão habilidoso quanto o narrador, ao ouvir a história, escolhe o que deseja guardar consigo, fazendo seus recortes. Ambos, narrador e leitor, dão novos sentidos ao texto; o contador aguça o desejo de ler, de conhecer a história contada, mas não será o único a significar as palavras para o leitor:

Não há, pois, incompatibilidade entre ouvir e ler; mais, a descontinuidade, admitida por rupturas palpáveis, não criou oposição, nem evolução de uma a outra: a leitura do mundo, da cultura, em suportes distintos, é o que nos civilizou, dá-nos entendimento, ainda que diverso, das coisas, organiza-nos em culturas vivas a refletir o humano de que são feitas, às vezes em sistemas e paradigmas que endurecem. (YUNES, 2012, p. 73).

Yunes (2012) nos conduz à compreensão acerca da importância do narrador na oralidade, da relevância da voz, que nos chega a rodas de contação em eventos quaisquer, seja no espaço escolar, feiras de livros, praças, bares ou recitais. O ato da fala desencadeia variações múltiplas, adequando-se e reconhecendo o espaço onde está inserida e as relações sociais. Yunes ainda completa (2012, p.74): “contar estimula o imaginário tanto quanto a leitura e devolve à fala um lugar valorado nas trocas sociais”, ou seja, reafirma a importância da oralidade na relação humana.

No espaço escolar, é buscada a motivação para que leitores andem ao encontro dos livros. A narração de histórias é ferramenta fundamental para essa aproximação, mas é importante, antes de contar, que o próprio contador tenha se apaixonado pela história, repetindo-a várias vezes antes de apresentá-la ao grupo. No momento em que o contador é capaz de brincar com as palavras, surge uma ligação única entre os espectadores e a história contada, de modo que, possivelmente, ao lerem o texto, terão guardado um afeto especial pelo primeiro encontro com a obra, propiciado na contação de histórias.

As narrativas literárias buscam ser um momento lúdico para os envolvidos. Segundo Huizinga (1980), o lúdico é um fenômeno social, criado nas relações humanas, que se volta à diversão, à alegria e a várias emoções que vão além da necessidade básica da vida humana. Com isso, Huizinga explica que o lúdico está intimamente ligado ao desenvolvimento humano como fator de criação de cultura. Dessa forma, a narração de histórias vislumbra ser um facilitador nesse processo. O contador de histórias relata vivências suas e de outros mundos, ele é responsável por intercambiar experiências. Por isso, o apoio do contador de histórias pode, além

se caracterizar como uma herança cultural, revelar-se uma estratégia eficaz de letramento literário no espaço escolar.

No próximo capítulo, discutiremos as peculiaridades do contador de histórias, tendo em vista sua função de mediador de literatura, assim como apresentaremos o trabalho com contação, realizado por nossas entrevistadas em escolas da rede pública municipal da cidade de Caxias do Sul,

4 O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Neste capítulo, vamos discorrer sobre o contador de histórias, transitando no tempo cronológico para situá-lo em sua origem até chegarmos aos espaços escolares, com nossas contadoras entrevistadas.

Os caminhos percorridos por um narrador de histórias podem ser os mesmos que uma criança leitora seguiu. Iniciando na família e chegando até a escola, muitos serão os momentos oportunizados ou possíveis para o estímulo da prática de leitura na criança. Muito do que fica na memória afetiva do adulto são as vivências da infância, as quais serão fundamentais para a existência de uma vida cercada de livros.

Girardello (2012) apresenta-nos a lembrança de seu avô, contador de histórias e livreiro com alma de poeta. É o velho, aquele que tem a sabedoria, a experiência, que narra para a criança:

[...] fecho os olhos, em busca das imagens de quem me contou histórias quando eu era pequena, muitas vezes emerge em mim a lembrança de um fim de manhã, na cidadezinha gaúcha de Getúlio Vargas da década de 1960, em que me vejo em uma cadeira de balanço, no colo do meu avô Rafael, um livreiro com alma de poeta. (GIRARDELLO, 2012, p. 42).

Estas lembranças, estas relações estabelecidas enquanto somos jovens, formam nosso mapa humano desenhado pelas histórias. Para algumas crianças em idade escolar, quando se deparam em uma biblioteca, iniciam uma aventura interminável por livros e personagens inimagináveis, fíes companheiros de muitas aventuras, brincadeiras e segredos. Ao chegarmos na fase adulta e adentrarmos uma biblioteca, muitas vezes buscamos rapidamente os livros das histórias anteriormente nos contadas, como afirma (BANDINI, 2012, p. 80): “o primeiro livro que busquei foi uma edição do Gato de Botas, a mesma que meu pai havia nos mostrado”. Neste relato, temos dois elos fundamentais que aproximam a criança da literatura; um é a presença do pai no desenvolvimento do filho e outro é a visita à biblioteca.

Muitos são os contadores de histórias, hoje adultos, que na infância envolveram-se com os livros de muitas formas, para mais tarde seguirem uma trajetória entre o imaginário e o real, contando histórias lidas, vividas e sentidas

emocional e corporalmente; assim temos um verdadeiro contador de histórias. Quando nos deparamos com um contador de histórias, nos perguntamos como surgiu o desejo de desenvolver o ofício, e, então, nos deparamos com sua memória afetiva. As lembranças de sua infância, os momentos no colo do avô, como apresenta Girardello (2012), são únicas e fundamentais para criar este corpo contador, repleto de histórias, fantasias e vivências.

Em meu ofício de contador de histórias, busco sempre envolver a plateia, tentando levá-la para outro lugar e tempo por meio da imaginação. A partir da minha *performance*, consigo provocar uma identificação coletiva com a história. As experiências de vida possibilitam inúmeras interações entre os indivíduos, diferentes processos de transformação. No instante em que obtenho o olhar de todos os meus espectadores, constato que estamos em processo de transformação. “O corpo é, ao mesmo tempo, o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso” (ZUMTHOR, 2000, p. 90). Mas como potencializamos este corpo para a contação? Como nos permitimos experimentar sensações? Como podemos executar essa tarefa se, muitas vezes, não conseguimos usar nossas potencialidades de expressão diante dos estudantes?

Benjamin (1996), no entanto, em texto produzido na primeira metade do século XX:

Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir histórias, como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. (BENJAMIM, 1996, p. 57).

Ao promover o livro intermediado pela narração de histórias, é importante nos permitirmos sair do espaço comum e dar vida aos personagens, ao universo literário proposto pela obra que iremos contar. E esse exercício não está ligado à obrigação, mas sim ao prazer, à fruição do ser transcendendo limites, estabelecendo relações com cada espectador, ao mesmo tempo em que envolve a plateia com a história.

A contação de histórias acontece realmente quando contador e plateia estão em sintonia, quando as experiências trazidas pelo contador deixam de pertencer somente a este e agora são também de cada espectador. O olhar do contador deixa

uma lágrima correr, e muitos ao seu redor valem-se da mesma emoção e entregam-se ao choro também. Na contação, convida-se cada pessoa presente para viver diferentes experiências. A esse respeito, Bondía afirma:

É experiência aquilo que “nos passa”, ou nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (...). Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (BONDÍA, 2002, p. 26-27).

Os fatos apresentados durante uma sessão de contação são os mesmos, mas cada receptor fará a sua interpretação, vai buscar nos seus registros forma diferente de viver estes acontecimentos, de construir a sua própria história. Quando há contação de histórias, existe intercâmbio entre contador e público, logo, cada vez que a história for contada, ela será interpretada de um modo diferenciado, conforme a plateia a que se dirige, com o ambiente da contação e com o estado emocional do próprio contador.

Seria possível afirmar que, a cada contação, uma nova história é contada, mesmo que o enredo seja o mesmo, que o contador tenha decorado a obra, a sua *performance* será inaugural. “Cada *performance* nova coloca tudo em causa. A forma se percebe em *performance*, mas a cada *performance* ela se transmuda” (ZUMTHOR, 2000, p. 38-39, grifo nosso). No instante em que a contação inicia, cada espectador começa a transitar entre o real e o imaginário; nossas memórias são revisitadas para darem veracidade ao que o contador multiplica na sua encenação.

Contudo, não basta falar de modo genérico da contação de histórias. É necessário um porto, um local para estudá-la como possibilidade ou não de mediação de leitura. O local escolhido é Caxias do Sul, mais especificamente, a Rede Municipal de Ensino, ou ainda, os docentes contadores de histórias que na verdade são as professoras que atuam com contação, já que não há nenhum professor que realize este ofício na referida Rede.

4.1 CAXIAS DO SUL: CENÁRIO LITERÁRIO E ESCOLA

Ao pensarmos a escola como espaço de aprendizagem, de interação e de construção humana, podemos considerar a narração de histórias um instrumento essencial para a existência destas relações. Para conhecermos as histórias e procedimentos utilizados para a contação de histórias, que estavam resguardadas apenas ao espaço escolar de Caxias do Sul, em especial na rede municipal, buscamos nas narrativas representações de sentido e significado das cinco professoras contadoras de histórias, recolhidos por meio de entrevista, configurada como principal instrumento ou técnica do método de história oral.

Muitos teóricos estudam a escolarização, a preocupação com textos de qualidade ofertados para seus estudantes e ações lúdicas para a criação formal e informal de crianças e adolescentes. Vamos apresentar neste subcapítulo o papel do município de Caxias do Sul na formação de sua comunidade escolar. Por meio dos relatos e autores, apresentaremos o impacto que os pais possuem na transmissão da herança literária. Conforme Bettelheim (2000, p. 12), “a aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida”. Nessa perspectiva, quais são as ações efetivas para a valorização da leitura entre os alunos da Rede Municipal de Caxias do Sul? As entrevistas realizadas durante a pesquisa apontarão alguns caminhos.

É imprescindível que as escolas não desistam do seu papel de formadoras de leitores. Cosson (2010) defende que a literatura em sala de aula estimula a esperteza do leitor, ampliando seu arcabouço discursivo, logo estimulando a análise dos textos e suas relações com a realidade de cada leitor. Uma vez que, “longe da crença ingênua de que a leitura literária dispensa aprendizagem, é preciso que se invista na análise da elaboração do texto, mesmo com leitores iniciantes ou que ainda não dominem o código escrito” (COSSON, 2010, p. 59).

Vamos conhecer o município de Caxias do Sul por meio de três pilares para a promoção do convívio com o livro, quais sejam: a sua Biblioteca Pública Municipal Dr. Demetrio Niederauer, a Feira do Livro e o PROLER.

A Biblioteca Pública Municipal Dr. Demetrio Niederauer foi fundada em 1947, com um acervo de três mil livros e fica localizada na praça Dante Alighieri. Em 2010,

seu acervo já contava com mais de 90 mil títulos (CAXIAS DO SUL, 2010). O projeto mais antigo da Biblioteca Pública é o *Concurso Anual Literário*, criado em 1965 pela Lei 1.427. A premiação é oferecida para obras inéditas em duas categorias: “contos, crônicas e poesias” e “obras literárias”. O Concurso tem por objetivo revelar novos autores e valorizar os mais experientes com a divulgação de seu trabalho e a publicação dos textos vencedores (CAXIAS DO SUL, 2010). Em 1984, a Biblioteca Pública tornou-se responsável oficialmente pela organização da *Feira do Livro de Caxias do Sul*, evento que destaca-se como umas das maiores Feiras de Livros do estado do RS e reúne livreiros, espetáculos, sessões de autógrafos com escritores nacionais e internacionais, shows e ações lúdicas e de lazer para integrar a comunidade regional.

O PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura –, é promovido pela Fundação Biblioteca Nacional desde 1992, tendo seu grupo de trabalho criado em Caxias do Sul em 1994 por meio de parceria da Prefeitura Municipal, com as Secretarias da Cultura e da Educação e a Universidade de Caxias do Sul. Em 1998, o município oficializou o Programa pela Lei nº 5.049, firmando convênio com a Fundação Biblioteca Nacional para desenvolvimento do PROLER no município (CAXIAS DO SUL, PPEL, 2009). Maria Nair Sodré Monteiro da Cruz, homenageada da 33ª Feira do Livro de Caxias do Sul, explica como ocorreu a chegada do PROLER no município:

Quando eu estava trabalhando na universidade e, simultaneamente, na SMEC, eu conheci uma professora que era orientadora das bibliotecas escolares, a Flávia Ramos. Ela estava fazendo mestrado em Porto Alegre e a orientadora dela a desafiou a trazer o Proler, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura, da Biblioteca Nacional, para Caxias do Sul. Ela chegou na secretaria, conversou comigo e começamos a trabalhar nisso juntas. Trazer o Proler para Caxias do Sul foi uma loucura fantástica, que deu certo”. (CRUZ, 2017 – Entrevista ao Jornal Pioneiro).

A principal atividade do Comitê PROLER de Caxias do Sul sempre foi de promover o Encontro Estadual de Leitura, um seminário para cerca de 250 pessoas, com duração de dois a três dias, trazendo para o município grandes expoentes do pensar e do fazer literário. Nossas entrevistadas apontam o PROLER como ação fundamental para terem se tornado contadoras de histórias. Foi por meio desta movimentação literária que aconteceram relatos de experiências, apresentação de novas possibilidades com o livro. As professoras Íris e Açucena foram categóricas ao

afirmarem que, graças ao PROLER, elas se apaixonaram pela arte de contar histórias.

Com o PROLER, o município passou a ter relação com outras ações literárias do Brasil e de outros estados, iniciando um rico processo de socialização de experiências em rede, com especialistas, profissionais ligados à leitura, escritores e colegas professores das mais diversas localidades do estado e do país, fomentando diversas ações e atingindo seus propósitos na formação de mediadores de leitura e na construção de propostas para a criação de políticas para o livro e a leitura em nível municipal e regional (CAXIAS DO SUL, PPEL, 2009).

Importa observar que a contação de histórias, em Caxias do Sul, apresenta-se como um projeto da pasta da cultura, e não da educação.

4.2 FORMAÇÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Ao nos debruçarmos sobre os relatos das entrevistadas, vamos conhecer suas trajetórias e sua maneira de olhar o mundo, sendo que, inicialmente, focamos em como se constituíram contadoras de histórias. Iremos estabelecer conexões entre estas informações e as minhas vivências na arte da contação de histórias para oportunizar ao leitor deste estudo a possibilidade de se tornar ou não um contador de histórias, sendo este o seu desejo. Importa lembrar que apresentamos o relato de cinco professoras que, durante a sua trajetória na Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul, optaram em realizar a contação de histórias.

Nesta teia de relatos, vamos trazer à cena cinco narrativas que, para muitas crianças, jovens e adultos em Caxias do Sul, representam fantasia, alegria e imaginação. Cada uma dessas educadoras traz consigo uma longa trajetória no ofício da contação de histórias, sendo que nenhuma realiza esta atividade há menos de quinze anos. Utilizaremos para as citações os nomes fictícios Açucena, Amor Perfeito, Hortênsia, Íris e Papoula.

Açucena, que está na rede municipal há 23 anos e trabalhou com os anos iniciais do Ensino Fundamental, contou histórias semanalmente para os alunos no período que estava em sala de aula ou biblioteca. Como todas as professoras entrevistadas, a contação de histórias foi uma escolha durante a sua trajetória profissional. Conforme Villarde (1997), estas escolhas são fundamentais "para

formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece" (VILLARDI, 1997, p. 2). Quando acompanhamos professores desejosos pela realização de uma ação tão marcante na vida dos estudantes, tranquilamente teremos uma trajetória exitosa do professor e, conseqüentemente, dos estudantes.

Ainda na trajetória de Açucena, ela nos traz um relato: "*A menina e o monstro, é uma história que eu trago da minha vó, e eu contei para diferentes públicos.*", muitos contadores de histórias trazem nas suas memórias repertório que facilmente irá envolver as crianças. Se rememorarmos nossa existência, recordaremos rapidamente de muitos fatos e, ao verbalizarmos, podemos envolver o ouvinte, pois, quando contamos uma história que faz parte de nossa infância, ela vem tomada de valores pessoais e nosso olhar vai de encontro com o público.

Como procedimento para a contação de histórias, é necessário que estejamos preparados, lendo o texto muitas vezes; decorando, se este é o objetivo, a fim de ter o domínio da obra e das ações que utilizaremos para a contação. E neste momento, quando buscamos uma história de nossa memória, nos vemos tomamos de sentimentos que são rapidamente percebidos pela plateia, ganhando a atenção imediata do público. Todos os procedimentos anteriores para uma contação ficam em segundo plano para ganhar espaço um ser em verdade plena, que conta a história de outro pelos seus olhos, corpo e voz ainda criança.

Quando identificamos narradores de histórias nos espaços escolares desenvolvendo esta arte com tanto entusiasmo e verdade, como os sujeitos desta pesquisa, podemos afirmar que estas educadoras compreendem o ato de contar histórias, conforme nos apresenta Prieto (1999):

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória. (PRIETO, 1999, p. 41).

Um contador de histórias inserido na escola é barqueiro a carregar muitos estudantes pelas águas da literatura. Vemos o exemplo de Amor-Perfeito, que trabalha na Rede Municipal há trinta anos e, atualmente, é responsável pela Biblioteca na Escola Américo Ribeiro Mendes, onde realizou contação de histórias

por longos anos. Criou-se uma relação existencial desta professora e os estudantes que por ali passaram. É fundamental pensarmos em espaços que estimulem, no âmbito escolar, o reencontro do adolescente e do adulto com o livro, buscando “[...] formar como ser pleno, social, cultural, cognitivo, ético, estético, de memória...” (ARROYO, 2001, p. 15). A contação de histórias, nesse processo de formação, apresenta-se como uma necessidade e como um caminho possível, desde que existam educadores motivados para tal ação.

Preocupada com a contação de histórias para os jovens e adultos, Amor-Perfeito relata: “[...] só entrei para a biblioteca com esse objetivo, de que eu pudesse fazer a hora do conto, e o desafio maior: para os alunos dos anos finais”. Contar histórias a estudantes matriculados nos últimos anos do Ensino Fundamental possibilitaria contato com o universo da ficção via literatura. Enfim, seria uma forma de que esses estudantes também consigam ter os mesmos direitos e espaço para o acesso à literatura, para as histórias contidas em livros ou na memória de um contador.

Hortênsia autodenomina-se uma professora contadora, uma escritora contadora de histórias, que trabalha na Rede Municipal, mas também é escritora. Muitos contadores de histórias, por meio do contato diário com tantas obras, fertilizam em suas mentes outras tantas histórias, e muitas destas ganham as páginas de livros. Íris faz da ilustração um caminho para perpetuar a sua expressão que também está contida em publicações literárias. Hortênsia e Íris explicitam amor pela contação; Íris afirma que é apaixonada pela contação de histórias e que esta atividade só é feita por quem ama, buscando um caminho para a realização de nossos desejos – esta mesma professora ingressou inicialmente no Laboratório de Aprendizagem⁹ e depois assumiu a Biblioteca, espaço de maior realização profissional.

Sobre a afirmação de Íris, que a contação só deve ser feita por quem ama essa prática, parece-nos uma obviedade a ser repetida. Muitos espaços escolares não percebem a importância desta atividade, não buscam o prazer existente neste

⁹ Laboratório de Aprendizagem tem por objetivo averiguar e superar as dificuldades ocorridas durante a aprendizagem e impulsionar o estudante a buscar informações para a resolução. No laboratório de aprendizagem, utilizam-se os materiais didáticos de estudo aplicado que estimulam a autonomia da leitura e obtenção de informações. O atendimento ocorre individualmente ou em pequenos/grandes grupos.

profissional que irá realizar a contação e, muitas vezes, encontramos professores ou integrantes do grupo escolar que ficam “jogando palavras ao vento” sem valor algum, sem sentimentos, sem preparação. Dificilmente, os estudantes que acompanharem a atividade terão interesse pelos livros. A contação de histórias está cercada de significados para quem a faz; o gosto pelo livro, pela interação com o público são princípios básicos para a boa contação de histórias. Hortênsia declara:

“O meu interesse veio justamente dessa paixão que eu tenho pelas palavras, por esse encantamento que as histórias provocam, por aquele olhar, aquele brilho e essa comunicação que se faz pelas histórias e o quanto ela pode transformar a vida das pessoas. Se não a vida, o momento da vida das pessoas.”.

As narrativas que bailam pelo vento de nosso mundo constituem nosso ser, promovem o encantamento, a compreensão do ato de existir; estamos por meio das histórias prontos para lermos nós mesmos e quem nos cerca. A leitura é, antes de tudo, compreensão pessoal, e esta compreensão nos permite existir. Diferentes linguagens descortinam experiências vividas, gravam sentidos simbólicos que estão impregnados da realidade. Ao se contar uma história, o texto convida o leitor a participar de forma viva na atribuição de sentidos. Mesmo que tenhamos uma ficção, o texto literário tem o poder de apresentar a realidade de uma sociedade e até desmascarar suas mentiras, de forma que as histórias podem ser mais reais que a realidade, e a realidade pode estar mais tomada pela ficção que a própria ficção, como nos apresenta BARTHES (1983).

A literatura possibilita transformação, e a contação de histórias estabelece caminhos possíveis que podem acontecer no espaço familiar, quando o adulto resguarda um tempo para uma relação afetuosa com o filho. Contudo, vivendo hoje em uma sociedade cada vez mais carregada de atividades e compromissos, o hábito da leitura, do momento da contação de histórias, fica quase tão somente renegado ao espaço escolar. A escola é o espaço mais adequado para este encantamento entre livro e leitor, entre histórias lidas e vividas, trilhando um mesmo caminho no qual ambas, escola e literatura, ajudam-se mutuamente. Conforme Silva (2002), a leitura está intimamente ligada à escola:

A leitura ocupa, sem dúvida, um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que

objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento. (SILVA, 2002, p. 16).

Contrariando essa conjuntura, Íris declarou que seus pais contavam muitas histórias para ela quando era pequena; não as histórias dos livros, mas as histórias da vida, da sua família, sobre os seus avós. Assim, surgia no seio familiar a paixão que veio se manifestar como mediadora de leitura, pela contação de histórias na sua escola. As relações que as histórias estabelecem entre o contador e o espectador se eternizam, ficam registrados na memória de cada um, como já abordamos anteriormente.

Papoula, professora de Português com alunos dos anos iniciais e sextos anos, confia também que foi nas relações familiares que o gosto pela leitura se fez presente:

“[...] desde pequena, eu sempre tive em casa um exemplo da minha irmã mais velha que lia muito e eu queria sempre ser como ela, porque eu achava bonito ela lendo e eu não tinha livros da minha idade pra ler, ela lia romances Sabrina, Julia, esse tipo de coisa, mas eu achava lindo ela lendo”..

Percebemos a importância do exemplo. Enquanto crianças, desejamos nos espelhar em alguém, admiramos ou não um adulto pelas suas atitudes. A contadora de histórias, professora e escritora Léla Mayer afirma: “meus pais eram professores e adoravam presentear-me com livros e discos que narravam historinhas e, além disso, meu pai é até hoje um grande piadista (e não há piadas sem história).” (MAYER, 2015, p. 491). Citamos um exemplo, recorrente para muitas famílias: quantas crianças acabam por torcer pelo mesmo time de futebol do pai por amor ao seu pai, seguindo o exemplo? Como seriam os parques, praças e bibliotecas públicas, se encontrássemos, nos domingos de tarde, os pais lendo e contando histórias para os seus filhos, ao contrário de ficarem assistindo a uma partida de futebol?

Muitos são os caminhos possíveis para o contato com o livro, sem a necessidade de eliminar atividades já existentes na rotina familiar. Papoula relatou ter encontrado, já adulta, durante sua licenciatura, a mesma professora dos anos

iniciais, e que esta “*vinha uma vez por semana na minha sala de aula, eu estava na quarta série e ela contava um pedaço do livro a Montanha Encantada*”. Percebemos como foi importante para esta professora, ainda criança, o contato com a irmã e, posteriormente, com a sua professora que contava histórias.

A narração de histórias é uma ação que valoriza a relação das pessoas. Quando contamos uma história, desejamos tocar o outro, envolver mais pessoas em algo que acreditamos. Mais uma vez, nossas referências são externadas, nosso olhar abre uma janela para o passado e convida as lembranças a visitarem quem acompanha a nossa contação por meio de voz, gesto, expressão e movimento, mas, principalmente, pela verdade expressada em nosso olhar. As relações estabelecidas pelo livro são imortalizadas, de acordo com Lajolo (2001):

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. (LAJOLO, 2001, p. 85).

Cada professora entrevistada tornou-se contadora de histórias por desejo próprio, não foi uma ação imposta ou forçada; reconheceram-se como elo entre os livros e as pessoas. Assim, gradativamente, nos seus espaços escolares foram deixando as salas de aula, laboratórios e seguiram para a biblioteca, espaço de fascínio para as mesmas, onde, a cada história contada, a cada turma recebida para a mediação de leitura intermediada pela contação, tornava-se um local de interesse para mais pessoas. Não somente por escolherem boas histórias para serem contadas, mas por utilizarem recursos envolventes para qualificarem a atividade e, principalmente, pelo prazer na realização da contação de histórias.

4.3 POSSIBILIDADES DE ESTUDOS DE GÊNERO NA CONSTITUIÇÃO DA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Embora não se pretenda fazer generalizações - mas se tratando de um recorte regional e, também, considerando o aspecto qualitativo da pesquisa -, no conjunto da análise foi possível identificar que, quando solicitada à Secretaria de Educação da rede municipal de ensino de Caxias do Sul a indicação de professores

contadores de história, a lembrança por parte desses gestores foi de professoras contadoras.

Essa realidade chamou minha atenção pelo fato de eu ser contador de histórias. Percebe-se que hoje ainda a atividade docente, quando voltada à infância, está associada a uma prática de entrega, sacerdotal, de vocação, de ternura e de carinho e que, por isso, a maioria dos profissionais são mulheres. Conforme Costa e Souza (2017), “A entrada da mulher na atividade laboral iniciou-se pelas profissões que estivessem intimamente relacionadas com características mais dóceis e que exigiam paciência. Eram atividades profissionais ligadas à maternidade e com o ato de cuidar, como o magistério, profissões que acolheram o sexo feminino.”.

Essa questão de gênero reflete na constituição da identidade profissional dos professores contadores de histórias da rede municipal de ensino de Caxias do Sul, contexto em que o corpo docente compõe-se, essencialmente, feminino. Nesse sentido, Costa e Souza (2017) lembram que “Dentre as primeiras profissões nas quais as mulheres conseguiram espaço no campo de trabalho, o magistério ganha destaque. No entanto, ainda há correspondência direta entre a docência feminina e a maternidade, que estende às professoras o papel de mãe [...]”.

Historicamente falando, no âmbito da casa, a contação de história estava muito mais associada a uma prática feminina de atenção ao filho, de contar uma história quando ele ia dormir, do que a uma prática do ponto de vista masculino, pois, sob alguns aspectos, ainda “[...] as mulheres são vistas como ligadas ao mundo da casa, ao doméstico e ao cuidado dos filhos.” (SCOTT, 1995).

Nessa perspectiva, não se busca fazer uma generalização, mas penso que esse fato precisa ser tensionado no âmbito da gestão no tocante a como a contação de história acaba acontecendo no município de Caxias do Sul. Nesse sentido, trazemos como contraponto a autora Girardello (2012), que relata ter aprendido a contar histórias com o avô, demonstrando que é uma alternativa de prática profissional masculina.

Assim, como possibilidade de desdobramento, esse fenômeno suscita um questionamento para estudos futuros no sentido de identificar, no Rio Grande do Sul, outros contadores de histórias que atuem ou não vinculados a redes de ensino, com o propósito de expandir e qualificar, pela diversidade de gênero, o exercício da contação de histórias.

4.4 RECURSOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Partindo do texto de Tahan (1966), pensamos a contação de histórias como ação propícia para qualquer espaço, não somente para a biblioteca e, ainda mais, não como atividade realizada somente nos espaços escolares. Vamos discorrer neste subcapítulo sobre os procedimentos adotados pelas entrevistadas para realizar a contação de histórias nas escolas, suas relações com o livro e a utilização do corpo e de objetos cênicos para a atividade literária. Bedran (2015) relata a importância da sua mãe, que além de contar histórias, também tocava violão. A autora, logo aos 5 anos, ouvia a coleção *Disquinho* criada por Braguinha e afirma que estas situações foram fundamentais para sua posterior vida profissional, sua formação como contadora de histórias e musicista.

Ao presenciarmos uma contação de histórias, podemos somente escutar a leitura de um texto ou acompanharmos inúmeras ações e caminhos que o contador pode escolher, ambas as ações podem nos maravilhar, depende da preparação do profissional que realizará a contação. A professora Açucena relata na entrevista que, para uma contação de histórias, o primeiro passo é ir além das salas de aulas, possibilitar um espaço diferente aos estudantes. Conforme a professora Açucena, “*a criança tem que sair daquele espaço sala de aula, ir para biblioteca ou para qualquer outro espaço*”. Contrapondo esta visão sobre a utilização da sala de aula para a contação, Girardello (2006) afirma:

As histórias ajudam as crianças a ver mais graça e sentido na vida. Transformarmos a sala de aula num espaço de atividade narrativa regular ajuda a fazer dela um lugar vibrante de inspiração educativa. Afinal, uma tarefa importante da educação é justamente nos ajudar a ver mais graça e mais sentido na vida. (GIRARDELLO, 2006, p. 124).

Pensando a ocupação de diferentes espaços para a contação, Açucena sugere “*a gente não precisa contar só na biblioteca, pode levar para outros espaços, mas enfim, trazer uma história que toque eles*”. A afirmação aponta a relevância de uma contação resguardada não somente no local onde é realizada, mas também se faz imperativo a necessidade de sensibilizar o espectador com a história. Dauster (2003) elucida que:

[...] o leitor se constrói de forma complexa, mediante identificações e gestos, práticas escolares e extraescolares, em contato com os livros, histórias contadas e pessoas que dão pertinência à leitura, uma vez que a têm como valor e prática do cotidiano, em horizontes em que liberdade, escolha e opção iluminam o trajeto. (DAUSTER, 2003, p.98).

A contação de histórias promove o prazer pela leitura, indiferentemente do espaço em que está, possibilitando uma transformação pessoal de cada participante através dos tempos. Mais uma vez nos deparamos com o tempo, satisfatório quando destinado para a dinamização da leitura entre crianças da Educação Infantil e anos iniciais, e insatisfatório aos adolescentes. Hortênsia alerta: *“chega num momento em que se fecham portas para os adolescentes, existe alguma dificuldade no repertório das histórias”*. O relato sinaliza a necessidade de investir nessa faixa etária, pois parece não haver mais tempo para a contação de histórias entre estudantes dos anos finais dos Ensinos Fundamental e Médio, pela dificuldade dos professores para preparar contações para esse perfil de estudante, o jovem.

A respeito da seleção de um texto, Hortênsia explica: *“as histórias não estão talvez adequadas para aquele público, embora aquela história possa tratar de uma temática universal, pode ser uma questão humana”*. Entendemos que existem determinadas obras que irão dialogar mais com um grupo e outros grupos terão maior interesse por outras histórias. É fundamental que o contador tenha sensibilidade na definição da peça a ser selecionada para determinado grupo.

Papoula faz algumas considerações que nos possibilitam um debate mais profundo sobre as relações estudante x biblioteca x contação de histórias. Ela afirma que sempre se encantou pela biblioteca da escola e, quando assumiu este espaço, a contação de histórias não era mais uma ação obrigatória, mas ela fez questão de retomar essa prática. De acordo com Bedran (2015), “[...] mãe ou pai, com ou sem o livro na mão, contando histórias ou acalentando o filho está quase extinto dos lares de qualquer classe social brasileira, cabendo ao educador muito da tarefa de ‘regar as plantinhas’” (BEDRAN, 2015, p. 386). Essa prática, em geral, não existe mais e precisa do professor para ser implementada, ser regada. A escolha de Papoula revela um caminho prazeroso para o seu percurso profissional e rico para os estudantes que a cercam. A atitude da professora evidencia a esperança em um futuro com mais leitores.

A professora afirma: *“Na hora da contação da história, tu tens que ter um domínio maior do que o livro, se tu estiveres só com o livro, contando a história com o livro na mão, a história não vai sair do livro”*. O livro deve ser fonte viva para a nossa criatividade, para a fluidez de pensamento e resgate das memórias guardadas em nosso ser. Ao nos determos nas palavras e entregarmos as mesmas como se o espectador realizasse a leitura, de forma linear, estamos limitando, ou até mesmo extinguindo, o processo criativo de construção de sentidos que ocorre intermediado pela contação de histórias.

Tahan (1966) apresenta alguns cuidados que importa ter ao contar uma história. Afirma não ser obrigatório decorarmos a obra, mas sim verificar se estamos seguros para a contação. Questiona ainda se a história narrada é adequada para o público presente, se ainda não foi contada para a turma, se precisa de material e se necessita de explicação prévia antes da contação. São procedimentos básicos que garantirão melhor aproveitamento da mediação de leitura por meio da contação de histórias. Papoula relata que as melhores histórias contadas por ela *“são aquelas que eu não leio, são aquelas que eu conto sem o livro, depois eu pego o livro e mostro”*. Ela insiste que é necessário olhar nos olhos dos estudantes, permitir que seu corpo fale durante a contação, incitar a participação da plateia, se necessário.

As falas colhidas nas entrevistas com nossas contadoras de histórias convidadas nos remetam ao ato de se relacionar, de interagir com o espectador, de colocar voz e movimento na contação de histórias, e este pensamento vai ao encontro dos estudos de Sisto (2012), o qual afirma que contar uma história é como construir um filme. Temos que preparar mentalmente cada ação que será realizada na contação. Seremos hábeis para recontá-la de memória, sem que tenha sido preciso decorá-la, escolhendo gestos e vozes que serão utilizados como continuadores da palavra. A palavra, por sua própria força, motiva gestos e expressões que fluem de forma natural, como continuidade, nunca de forma abrupta.

O espectador, como na leitura individual é motivado a recriar, construir os elementos necessários para a atividade literária. Papoula declara: *“tem que prender a atenção deles, senão a história se vai, se perde. E, quando eu conto uma história sem o livro, percebo que eles ficam mais atentos”*. A contadora ainda nos apresenta que, pelo fato de não contar com o exemplar em mãos, pode se movimentar melhor,

andar, pois o corpo fala de muitas formas: *“nessa hora eu percebo que é mais proveitoso até pra mim enquanto contadora”*.

Percebemos a importância de se oferecer para crianças e jovens boas histórias, formando repertório literário na trajetória escolar do estudante. Ao acompanhar as histórias contadas, o estudante agrega ao seu signo seus registros, o comportamento do contador de histórias, seu modo de contar, postura de corpo, ampliando suas concepções linguísticas. O modo como se efetiva a dinamização da contação, desde o segurar do livro, ao passar as páginas, à utilização da voz e do corpo, é assimilado pelas crianças e adolescentes.

Seguindo a mesma linha, Zumthor (2000, p. 90) orienta também que “[...] o corpo é ao mesmo tempo ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso”. O contador de histórias é dotado de infinitas possibilidades e a utilização do corpo é fundamental para expressar sensações e emoções intermediadas pela narração de histórias. O ato de contar histórias almeja promover o aconchego do espectador, “pelo embalo do acalanto; pelo espírito de amorosidade que flui numa narrativa oral realizada com prazer”, conforme reitera Busatto (2006, p. 58). Enfim, ao unirmos as potencialidades de diferentes espaços, nossa voz, nosso corpo e nossos gestos, para a qualificação do ato de contar histórias, conseguimos realizar um processo de mediação de leitura.

4.5 CARACTERÍSTICAS DE UM CONTADOR

Como é este contador de histórias que fascina e envolve tantos públicos com diferentes histórias de recantos mais distantes, contando a história da humanidade? Busatto (2003) pontua que contos de literatura oral mundial ganharam as vozes destes contadores e hoje “antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias” (BUSATTO, 2003, p.20). O contador de histórias multiplicou contos e lendas, atualmente encontrando no espaço escolar uma tarefa ainda mais importante, a de aproximar a literatura do estudante.

Vamos reconhecer em nossas entrevistadas seus processos e percursos para a realização da contação de histórias no espaço escolar. As professoras

compartilham registros e experiências que podem auxiliar qualquer apaixonado pelo ofício de contar histórias a se tornar um apaixonado pelo livro por meio da contação. Poderemos perceber, também, que essa forma de mediação de leitura não precisa ser ofertada somente para estudantes, uma vez que pode ganhar outros espectadores no espaço escolar. Resguardada a relevância do livro, acompanharemos a presença permanente da movimentação e expressividade corpórea, a utilização vocal e outros elementos para envolver o espectador na contação de histórias.

Um contador de histórias, inicialmente, precisa formar seu repertório, escolher a história que vai contar. Hortênsia alerta para a importância da escolha das obras que serão contadas, pois essas histórias serão o nosso próprio repertório pessoal. Quando escolhemos uma história para ser contada, fazemos essa opção por muitos motivos, mas é fundamental que gostemos da obra, que ela nos emocione. As histórias que vamos contando, vão transformando nossa forma de ver e de se colocar no mundo. Segundo Gregório Filho (2002):

Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformados, acrescentamos parte de nossa própria experiência e vamos construindo nosso jeito de olhar a nós mesmos e ao mundo. (GREGÓRIO FILHO, 2002, p. 136).

As histórias incorporadas ao nosso repertório contam um pouco de nós; é possível que quem as escutou, com o passar do tempo, lembre que esta foi a professora que contou *tal* história; o contador perde, por vezes, seu nome para ser lembrado pelas obras que um dia contou. Esta relação entre o contador, as narrativas apresentadas e o estudante é muito importante para a formação do leitor literário. Quem acompanha uma história bem contada, percebendo-se acarinhado com a atividade realizada, busca de imediato o livro, pela relação de afeto que se instituiu entre o contador, o livro e o espectador. Nesse sentido, Pennac (1993) complementa que “aquilo que lemos de mais belo deve-se, quase sempre, a uma pessoa querida” (PENNAC, 1993, p. 84). Quantos contadores amáveis encontramos em nossa trajetória, que proporcionaram o envolvimento com o livro?

A demonstração afetiva com o livro fica evidente com a professora Íris, ao nos relatar que não faz a escolha das obras, *“quem me escolhe é a história, é incrível”*. Açucena afirma que gosta de participar de Festivais de Contadores de Histórias, *“escutar, ver o que os contadores contam por que aí, tu vais tendo uma base”*. Temos aqui duas possibilidades para o envolvimento com o livro; uma professora que busca a contação em outras vozes e uma professora que afirma ser escolhida pelos enredos, pensando na poesia existente na vida literária. As duas professoras envolvem-se com a contação pelo sentimento de desejo, de busca literária. Mesmo no caso de Íris que, ao deparar-se com um livro, opta por contá-lo, como se ele a tivesse escolhido, foram seus olhos de contadora que vislumbraram a possibilidade de uma contação exitosa com esta obra.

Todas as contadoras de histórias deste estudo apresentaram a importância do amor na relação com o livro, na necessidade de sensibilização individual de cada leitor com a obra e, somente depois dessa interação, o interesse por contar o livro visitado. Íris deixa clara esta relação de amor com as obras utilizadas para a contação ao dizer que *“eu gosto muito de história que mexa com o coração, e aí tu vais me dizer, mas quase todas não é mesmo, quase todas mexem”*. Podemos pensar ainda mais longe com a afirmação da contadora; todas as histórias mexem com nossos sentimentos, e com elas vamos resgatar momentos já vividos ou mesmo motivarão a tomada de atitudes impensáveis. Os caminhos habitam ou passeiam pelo amor e por outros sentimentos fundamentais para nossa existência.

Contar histórias é ação, e toda ação precisa de preparação. Açucena e Íris falam da necessidade de lerem muitas vezes a história a ser oralizada, ensaiada, pensada. Sob esse aspecto, Sisto (2007) assegura que *“a arte de contar exige um fazer anterior, um preparo, um domínio prévio, um conhecimento, estudo, ensaio, profundidade. E é, evidentemente, exercício de longo prazo”* (SISTO, 2007, p. 40). O mesmo autor nos faz refletir sobre a necessidade de se contar bons textos, uma ação que integra técnica e repertório, criando um perfil único do contador. Segundo Sisto (2012),

O estilo de narrar ou contar uma história determina a identidade do artista e a forma como ele se mostra perante o observador de sua obra. A forma que a obra ganha, a configuração que adquire, confere-lhe um estilo. E confere também um estilo a seu criador. No caso da narração oral, há uma sobreposição de estilos: o que é dado pelo texto e o que é dado pelo narrador. Esse estilo só ganhará o status de artes se ele estiver atendo aos

fundamentos estéticos que sustentam sua obra (no caso, a narração oral). Sabe-se que o estilo de cada narrador ganha consistência quando a relação entre o texto e o narrador se confunde, obedecendo a mesma ideia original da obra. Perceber quais elementos estão em jogo, como manipulá-lo se fazê-los de forma harmônica e plástica – isso já é fazer arte. E se a obra atingir os sentidos do público para quem ela se dirige, ela será reconhecida. (SISTO, 2012, p. 150).

Respaldados por outro teórico, seguimos conscientes da importância na preparação anterior ao ato de contar a história. Coelho (2004) afirma que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la” (COELHO, 2004, p. 31). Não existe a necessidade em decorar o texto, mas sentir-se seguro para levar ao grupo de estudantes é tarefa essencial. Açucena aproveita todos os seus momentos livres para a preparação da história a ser contada. Segundo ela, *“às vezes estou no carro dirigindo e pensando em tal parte da história, ‘ah nessa parte poderia dar mais ênfase, nisso e naquilo”*, já Íris confirma que as histórias tornam-se vivas ao experienciá-las de muitas formas.

Amor-Perfeito preocupa-se com a preparação para contação de histórias, com recursos a serem utilizados. Ao saber qual história vai contar, busca assessórios como avental, fantoches, varais ou, até mesmo, potencializa a contação com variações na voz e no gesto, dando aos personagens do livro vida própria. A professora conclui que, muitas vezes, a escola não possui os materiais que ela pensou para a contação, contudo este fato não implica o cancelamento da contação, sendo que ela reafirma a importância do corpo como principal ferramenta para a qualificação da hora do conto. A Papoula traz um registro de quando era estudante e ouvia sua professora contando histórias. Ela afirma que a turma era agitada e sua professora usava o gesto, a entonação da voz, e a turma se acalmava para ouvir atentamente as histórias; *“ali nasceu a minha vontade de contar histórias”*.

As entrevistadas Hortênsia, Açucena e Papoula explicam acerca de várias técnicas para a contação, valendo-se prioritariamente do recurso corporal, conforme o relato de Hortênsia nos elucida:

“A gente coloca muitas vezes o tom de voz, tu não precisa gritar, tu estás dialogando através de um texto, aí que está, se tu conhece esse texto, tu vai imprimir nele a carga a carga de emoção, essas ligações todas têm que ser feitas com certo cuidado porque a expressão diz, então se tu vai te movimentar demais, por exemplo, tu tem que ter muita prática com públicos quando tu te movimentas com certo exagero, as histórias elas se perdem”.

Precisamos do corpo, do gestual, todos esses elementos agregam para a contação, enriquecem a atividade, mas o exagero também é prejudicial, sendo fundamental a consciência do profissional na preparação da contação para que não dê mais importância à *performance* do que ao livro ou à história. No teatro, os elementos que estão em cena devem ser utilizados, caso contrário, deixariam na plateia uma lacuna sem respostas; na contação de histórias, a organização de muitos assessorios ou figurinos pode levar o público para outros caminhos, e a plateia poderá sair da contação com poucos registros sobre a história apresentada.

Amor-Perfeito apresenta uma realidade muito comum nos espaços escolares, que é a utilização da narração de histórias como processo para abordar temas estabelecidos no conteúdo programático escolar. Datas festivas, eventos importantes e temas delicados para serem abordados com os estudantes são constantemente solicitados pela aula de contação de histórias.

Conforme Tahan (1966), descobriu-se que a contação de histórias vai além do gosto pela leitura, pelo entretenimento, estabelece uma relação de admiração e conquista do estudante. O educador que realiza a contação de histórias transformou-se em um grande amigo dos estudantes. Por isso, acompanhamos os pedidos para que a contação de história cumpra um papel ainda mais importante que apenas fomentar leitores em bancos escolares. Não podemos ver com maus olhos se a contação de histórias é facilitadora para preencher estas lacunas que o restante do grupo escolar não consegue muitas vezes suprir. Ao mesmo tempo, é imperativo que a contação seja sempre um momento de fruição para o estudante, pois queremos aproximá-lo do livro e nunca criar um distanciamento.

A professora Íris nos relata que muitas vezes ficou no pátio da escola, durante o intervalo dos estudantes, e presenciou conflitos entre os mesmos, tão logo ela recorria ao seu baú de histórias, contava um conto que de alguma forma retomasse questão similar, e os problemas eram minimizados ou extintos. Conseguimos acompanhar mais uma situação em que a contação de histórias não é utilizada para a formação imediata do leitor e, mesmo assim, segue ocupando espaço de relevância no meio pedagógico. Pensar a contação de histórias no espaço escolar é multiplicar caminhos. Uma boa obra pode estabelecer muitas relações com os sujeitos, e o grupo de educadores pode desenvolver inúmeras ações interdisciplinares.

Contar histórias é prazer e envolvimento. A professora Hortênsia defende que contar histórias é se relacionar com a alma, e os sentimentos vivenciados por meio das histórias que surgem em você, automaticamente, serão despertadas no espectador. São inúmeras as possibilidades que se criam entre o livro, o narrador e o público; as vivências do contador interagem com as experiências dos estudantes que acompanham a narração. Segundo Rodrigues (2005),

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Quando nos entregamos ao preparo de uma contação de histórias, nos deixamos levar pelo sentimento na escolha da obra, criamos cenas em nosso imaginário, ávidos para contar e provocar o mesmo fascínio que tivemos no primeiro encontro com o livro, mas, também, importa estarmos atentos aos anseios do público que nos acolhe, possuindo repertório, a fim de ofertarmos textos que atendam à demanda do grupo. A contação de história não é ação isolada; o contador, o livro e o público são fundamentais. Nesse sentido, Sisto (2007) ensina que “nenhum contar é definitivo e pronto e acabado. Toda história contada oralmente é, antes de tudo, uma obra em processo, que precisa do outro para ser completada” (SISTO, 2007, p.40). O contador de histórias, ao escolher o texto, identifica-se com o mesmo e questiona-se se esta obra trará o estudante para participar com ele neste processo que ocorre durante a contação de histórias.

A contação de histórias, quando realizada no espaço escolar, não é propriedade ou tarefa única do professor dos anos iniciais, bibliotecário ou professor de Português, conforme Hortênsia:

“Conheço muitos professores que são de outras áreas e não da literatura e séries iniciais e contam histórias primorosamente, com uma classe, com encantamento, porque amam as histórias, então voltamos lá atrás, tu não precisas ser da área, é como alfabetizar ou como tu trabalhar com a língua, tu trabalhas em todas as áreas do conhecimento, não só especificamente dentro da Língua Portuguesa. As histórias tratam de temáticas universais e, se tratam de temáticas universais e humanas, elas transcendem a questão de série, se é de adolescente, se é de criança, se é de adulto, elas se

dirigem para o coração das pessoas; e coração é coração, então, aproveitem isso, pensem no quanto a gente pode fazer”.

A importância do prazer na realização da contação de histórias fica evidente nas entrevistadas. As várias trajetórias que a contação de histórias oferece na escola ficam evidentes. É recorrente nas cinco profissionais o amor pela profissão, o cuidado com os procedimentos adotados para a contação, o respeito pela escolha de uma história, a preparação da mesma até chegar ao receptor, no estudante, que desejamos, recorra depois ao livro para ler a história contada e recrie outras histórias por meio da obra escrita.

Açucena afirma que *“tem a história certa para o público certo”*. E qual é a história certa? Possivelmente seja a história bem trabalhada e muitas vezes contada pelo contador. Quando realizamos a contação de uma história, muitas vezes ela ganha outras possibilidades. Uma história pode ser contada a qualquer público, desde que consigamos perceber as características deste grupo e conduzir a história por caminhos que obrigatoriamente eles seguirão. Um contador respeita o autor da obra, mas tem a liberdade de adaptar o texto conforme o perfil do público que assistirá à contação. Dohme (2000, p. 16), nesse sentido, aponta que “contar histórias é uma arte, não há dúvida, mas é arte que pode ser desenvolvida”.

Nas vozes de nossas entrevistadas, acompanhamos a importância do amor pelo livro, pelo ato de contar histórias, mas também tivemos a oportunidade de vislumbrar caminhos para a contação de histórias na escola. Princípios básicos como escolher com cuidado a história para ser contada, conhecendo-a detalhadamente para não existirem problemas durante a narrativa e contá-la com a utilização do corpo, com ritmo e tempo que cada história merece. A movimentação corporal também auxilia na movimentação do espectador que, mesmo parado, corre os olhos no contador em deslocamento. A voz pode oscilar conforme os personagens, estimulando sempre a imaginação. Uma história bem contada, mesmo que trate de um tema polêmico com o objetivo de auxiliar outros colegas professores na escola, sempre tem a chance de aproximar o estudante do livro.

4.6 A CONTAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA INSPIRAR NOVOS LEITORES

A contação de histórias permite ao espectador a recriação de situações infinitas, múltiplas e instigantes. A criança, o adolescente ou o adulto, ao se envolver com um contador de histórias, se permite entrar em um mundo criativo jamais visitado. Neste subcapítulo, vamos acompanhar os processos e caminhos utilizados pelas cinco contadoras de histórias de Caxias do Sul para motivar seus estudantes a visitarem e vivenciarem as experiências que o livro apresenta. Conforme Tahan (1966), quando um contador realiza seu ofício, ele oferece a oportunidade da plateia gravar esta história, permanecendo na memória pessoal de cada um, como um patrimônio moral. No transcorrer de nossa vida, viveremos situações semelhantes e, automaticamente, buscaremos nas histórias contadas um caminho para ser trilhado.

Açucena, preocupada com a importância que a contação ocupa no imaginário de cada estudante, que ao ingressar no espaço escolar não realizava esta ação para os jovens dos anos finais, imediatamente mudou esta realidade, promovendo a mediação de leitura para todos, utilizando a narração de histórias. Todas as professoras entrevistadas destacaram que o objetivo principal da contação, na escola, foi desenvolver o leitor literário. Hortênsia expõe que *“é fundamental uma escola que respira literatura, para todas as pessoas, fazendo disso um momento especial, esta escola evolui”*. Papoula insiste que *“é o despertar para essa coisa mágica que é a leitura, ela é uma companhia, é viver outras vidas, outros mundos, é isso que acontece comigo, e acho que é isso que pode acontecer com os alunos”*. Os depoimentos das entrevistadas encontram ressonância em estudos de Chartier, o qual argumenta que *“cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou texto que recebe”* (CHARTIER, 1999, p. 19). Ou seja, temos na contação de histórias uma clareira permanente para a criação.

De acordo com o pensamento freireano, cada profissional inserido na escola desenvolve suas ações objetivando formar cidadãos criativos, que irão interagir em uma sociedade com capacidades e habilidades suficientes para o seu sucesso. A contação de histórias movimenta a biblioteca, multiplica leitores, sensibiliza o estudante para a vida na sociedade. Freire (1989) relata sobre o mérito da escola para a sua relação com a leitura e recorda sua professora com as seguintes palavras:

Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a "leitura" do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da 'palavramundo'. (FREIRE, 1989, p. 11).

Como a professora Eunice de Paulo Freire, encontramos cinco professoras em Caxias do Sul que, por meio da contação de história, disseminam nos estudantes a mesma concepção de "palavramundo" de Freire (1989). As entrevistadas estão intimamente preocupadas em possibilitar um olhar amplo e universal para os educandos. A professora Hortênsia afirma que a contação olha para o indivíduo e, ao mesmo tempo, para o coletivo, pois naquele momento existe um profissional que está dando atenção para cada um: *"a gente não imagina o que faz quando consegue olhar para todos, nesse momento a história está indo, chegando até esse outro, e esse momento é único na vida destas crianças"*.

Quando contamos uma história, permitimos que nosso eu se amplie na história de outro. Ao chegar no espectador, já é outra história que não imaginamos como é. Um escritor dedica seu tempo para fabular maravilhas, e o contador pode orquestrar com sua plateia ações e atividades das mais variadas, motivando o convívio com o livro. A professora Amor-Perfeito defende que a contação de histórias deveria ser uma ação efetiva em todas as escolas, porque *"dá um ganho excepcional com o aluno"*. A profissional revelou que, ao substituir algumas colegas, muitas vezes as turmas estavam agitadas, e ela então começava a contar uma história, acalmando a turma. A docente utiliza a contação como bálsamo para o ensino e consegue ainda aproximar o estudante da literatura.

Percebendo como as histórias envolvem e transformam os sujeitos, professora Íris entende que a promoção da leitura na escola não deve acontecer somente com os estudantes, e sim com toda a comunidade escolar. Ela conta uma história e pede para os estudantes recontarem-na em casa para os pais, e ouve muitos relatos relacionados à melhora na escrita, como o seguinte: *"[voz do aluno] professora, tu me disse que se eu lesse mais eu ia escrever melhor, a minha outra professora me disse que eu já estou escrevendo melhor... [voz de Íris] é automático, se dá o efeito, é magia mesmo."* Pensar que a narração pode substituir a leitura, que ela não aproxima as pessoas é um equívoco. A esse respeito, Gregório Filho (2002) explica: "a contação de histórias não vem substituir as leituras dos livros. Ao contrário, está comprovado que funciona como estimuladora, incentivadora para que

as pessoas busquem conhecer aquelas histórias que ouviram e muitas outras” (GREGÓRIO FILHO, 2002, p. 83).

Estas outras histórias a que se refere Gregório Filho (2002) muitas vezes são as histórias que os pais levam em suas memórias. Ao ouvir seus filhos contando uma história, acabam recordando enredos conhecidos, promovendo relações de afeto, conhecimento e memória revisitada por meio da contação. Conscientes que a contação de histórias auxilia no desenvolvimento do leitor e estabelece relações fraternas no seio familiar e no espaço escolar, Hortênsia aponta que *“as crianças que são alimentadas pelas histórias, são adultos diferentes e adultos melhores, mais bem resolvidos emocionalmente”*. Se, entremeio à contação de histórias, nos permitimos viver melhor, transparecemos ao outro, esta alegria e, de imediato, se a história tinha valor para o contador, terá, possivelmente, valor para o receptor, e a sensibilização se multiplica. Assim, Sisto (2012) corrobora:

O trabalho de formação de um contador de histórias deve ser, antes de tudo, um trabalho lúdico, que envolva o indivíduo de corpo e alma, da cabeça, aos pés. Mais do que necessidades teóricas, no primeiro momento, é preciso ajudar as pessoas a abrirem os olhos e o coração. (SISTO, 2012, p. 11).

Se o contador em formação já deve estar mais preocupado em abrir os seus olhos e o coração da sua plateia, sempre de forma lúdica e amorosa, podemos pensar verdadeiramente na contação como um dos principais registros do estudante no percurso escolar. Papoula afirma que a contação de história é *“esse momento de tu despertar a vontade do aluno de pegar um livro, de ler aquela história, as vezes os bem pequenos a gente vai ensinando a lerem as imagens, então eles leem as imagens e vão passando a página”*. O relato da professora é embargado de sentimento, de gratificação pela oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de uma criança, de presenciar sua constituição como ser dotado de saberes. A mesma contadora de histórias depois relata que este mesmo estudante que *“ensinamos a botar o dedinho embaixo da letrinha e da palavrinha para ler agora já está no nono ano”*. Carregados de todo o sentimento que a contação oferta, percebemos na fala desta contadora um processo de alfabetização e letramento por meio desta dinâmica literária. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI),

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (BRASIL, 1998, p. 141).

O contador de histórias conhece as dificuldades e potencialidades do estudante; com a passar do tempo, vai conhecendo os pais e interagindo com esta comunidade, facilitando o processo de ensino, de oferta de leitura para cada perfil constituído.

Amor-Perfeito, conhecedora dos anseios de seus educandos, e no seu objetivo de criar o gosto pela leitura, alerta para o cuidado em não fazer do momento literário um espaço de cobrança, e sim *“momento de deleite, momento de puro prazer, de entrar no mundo das histórias e por alguns momentos esquecer o cotidiano, da vida real”*. Importa que não haja cobrança no processo de envolvimento com o livro; não se busca que a escola ofereça ameaça ao estudante, mas sim espaço de acolhida.

A professora Papoula relata que chega à escola como uma *popstar* e transitar pelos corredores já não é mais uma tarefa simples - os estudantes logo pedem que ela conte uma história. Ela conta que muitas vezes foi para a escola com figurinos para envolver os estudantes na contação, *“eles têm loucura pela gente, quem conta história é famosa, já vim fantasiada uma vez, com rolo na cabeça e contei a história do Chaves”*. Um contador de histórias que se entrega para sua arte instiga as pessoas, torna-as mais curiosas.

Para Busatto (2006), “a contação de histórias ou narração oral de histórias permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca” (BUSATTO, 2006, p. 25), nada mais justo que o contador de histórias permita valer-se de figurinos e outros tantos recursos para envolver seus espectadores. Entendemos que a criança e o jovem tende a se interessar pela contação de histórias, pelo livro, ao estar próximo de um professor motivado, cuja prática revela desprendimento, planejamento e conhecimento da literatura e da realidade dos educandos.

O narrador de histórias é quase um detetive, em busca da melhor história para contar e, nessa imersão literária, vai encontrando livros que atendem a sua demanda profissional, quando consegue indicar livros adequados aos desejos dos estudantes, tornando a mediação literária exitosa e pessoal, quando encontra livros

para a sua fruição como leitor. Além disso, o mediador muitas vezes percorre junto o caminho do letramento literário, já que está sempre se transmutando com os livros que vai lendo e conhecendo. Um contador de histórias nunca estará totalmente pronto, pois sempre haverá novos livros para o seu descobrimento e sua constituição.

4.7 CONTRIBUIÇÕES GERAIS DAS FLORES CONTADORAS

O contador de histórias é viajante literário, que pode causar no seu receptor desejo de viagens ainda mais distantes. Acompanhamos cinco contadoras de histórias que constituíram cenário para o hábito da leitura, da mediação literária, valendo-se de seus sonhos, desejos e atitudes. Vamos revistar nossas entrevistadas neste subcapítulo, com uma síntese de seus procedimentos para a contação de histórias no espaço escolar.

Entre os aspectos mais importantes, destacamos a necessidade de escolher bons textos para a contação, de formar um repertório pessoal, um acervo de histórias preparadas para a apresentação aos estudantes. Esse repertório torna-se consistente por meio de muita leitura e preparo, conforme afirma Café (2000):

Para que o ouvinte possa sentir a história, e construir suas imagens, interagindo com o texto, o contador deve também sentir, enxergar com detalhes e cores as cenas da história, enquanto narra. Ter domínio do texto, das emoções por ele provocadas, do olhar para que os ouvintes acreditem nos acontecimentos e fatos do texto, é de fundamental importância para qualquer história, independente dos recursos utilizados pelo contador. (CAFÉ, 2000, p. 33).

O contador de histórias vivencia e experimenta muitas possibilidades até sentir-se habilitado para levar à cena a sua contação. Acompanhando as cinco entrevistadas, percebemos que a ação de narrar histórias não acontece somente na biblioteca ou sala de aula, mas pode acontecer em outros espaços e interagir com a comunidade escolar, não apenas com os estudantes. Conforme Freire (1989), “[...] a posição de quem se indaga constantemente em torno da própria prática, em torno da razão de ser dos fatos em que se acha envolvido” (FREIRE, 1989, p. 44), consegue desenvolver uma relação mais rica para si e para os outros sujeitos da

aprendizagem. O contador de histórias se experimenta, se permite, vence seus preconceitos e deixa fluir a contação com a alma deslizando com as palavras.

Foi-nos apresentado também a importância da voz, do gesto, da movimentação corporal para enobrecer a prática da contação. Nesse sentido, Girardello e Fox (2006) expõem que “o uso de gestos e expressões faciais pelo contador deve vir de dentro para fora – eles não podem ser deliberadamente programados” (GIRARDELLO; FOX, 2006, p. 17). Contar uma história, mesmo necessitando de ensaio e repetição, não precisa ser algo mecânico em momento algum; a voz e a expressão corporal podem fluir com naturalidade e, por vezes, de diferentes formas, em variados momentos. As modificações de voz e de movimento ao contar a história servem para estabelecer uma relação muito íntima com o público, conforme aponta Coelho (2004):

A força da história é tamanha que o narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, aponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico que é estimulado pelos enredos (COELHO, 2004, p. 11).

Percebendo os caminhos que a contação vai estabelecendo quando o contador realiza sua ação e sabendo que ele recebe um mesmo grupo de estudantes inúmeras vezes no espaço escolar, é possível que este profissional motive para a contação, instigando o resgate da memória e reconhecendo quais símbolos literários ganharam vida. Conforme aponta Girardello e Fox, existem objetivos no buscar a criança como narradora nas rodas de contação que realizam e “um deles pode ser fazer um levantamento do repertório narrativo das crianças, de modo a dar-lhe validação e a situá-lo num contexto cultural e histórico. Outro pode ser o aprimoramento das habilidades narrativas das crianças”. (GIRARDELLO; FOX, 2006, p. 10).

Ao ouvir as entrevistadas, percebemos o cuidado que cada uma apresentou na destreza de contar histórias, na preparação e no domínio da obra contada e nos elucidaram sobre os grupos que recebem a contação de histórias nos espaços escolares. A dinamização do livro e da leitura é ofertada para todos os estudantes da escola, buscando a valorização da aprendizagem durante todo o processo de ensino. A tomada de decisão em oferecer a contação para os jovens dos anos finais

sempre foi individual de cada entrevistada, nunca uma solicitação da direção ou da Secretaria de Educação. O professor, ao oferecer a contação de histórias para os adolescentes, aproxima-os da literatura, estabelecendo conexões, conforme Candido (1972):

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ele age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 1972, p. 805).

As conexões com a vida que a literatura propicia aos estudantes é uma compreensão para a existência saudável no cotidiano do ser humano. Por meio da literatura, reapresentada na adolescência a partir da narração de histórias, ajuda-se o sujeito na sua concepção humana, corporal e emocional. Também sobre a importância da contação de história na vida das pessoas, citamos Llosa (1987, p. 92), o qual afirma que “contar histórias pode ser mais do que apenas diversão. Algo primordial, algo que depende da existência de um povo. Um povo sem história é um povo sem memória, não é um povo”. O professor comprometido com a contação de histórias torna-se agente facilitador para a construção de uma história, por meio dos livros, que perpetuará a trajetória da civilização onde está inserido.

As nossas entrevistadas, ao desenvolver o seu ofício, escolhido por desejo próprio, asseguraram que a contação estabelece as relações entre o imaginário e o real, que muitas das histórias contadas são herança de seus antepassados, quando ouviam histórias ao pé do ouvido com seus pais, avós ou irmãos mais velhos. Esta arte milenar segue através dos tempos pela magia que cada contador imprime na sua ação, no vínculo familiar que a história resgata, conforme Benjamin (1996) afirma:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde quando ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo de trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. (BENJAMIN, 1996, p. 205).

A escola é porta aberta para a manutenção dos contadores de histórias, para multiplicar o desejo pela leitura e inspirar novos contadores, ampliando as relações e significações dadas a cada obra. Quando vislumbramos o surgimento de um novo contador de histórias, potencializam-se as relações entre a obra e seu receptor. Pensando na escola, temos nos estudantes o futuro literário assegurado.

De acordo com Tahan, “[...] até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas.” (TAHAN, 1966, p. 24). Assim, podemos nos valer da literatura na escola, a partir da contação de histórias, para preservar um dos mais importantes patrimônios da humanidade, que é a palavra simbólica.

Ainda, conforme nos adverte Candido (1972), é importante que o direito à literatura seja assegurado a todos os cidadãos como forma de proporcionar desenvolvimento subjetivo, tendo em vista pessoas mais plenas. A escola, sob esse aspecto, ainda é o lugar por onde todos os sujeitos passam e onde todos esses sujeitos vivem experiências. Ou seja, fortalecer a contação de histórias é uma meta que encontra suporte na escola, entre nossas crianças e nossos jovens brasileiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao rememorar minha primeira contação de histórias, um resumo de “O Guarani” de José de Alencar, muitos foram os momentos de formação; pois um verdadeiro contador de histórias nunca está pronto e, a cada momento de conhecimento, abrem-se novas possibilidades de se reelaborar como contador, pesquisador e como ser que existe em relação aos outros.

Quando potencializada pelo corpo, pela voz e expressão, a contação é um baú com inúmeros elementos possíveis, envolve a todos de modo universal, com o novo, o inesperado, a curiosidade do porvir. Tal inusitado tem o intuito de pensar o espectador/leitor como ponto de ação, antes mesmo da leitura, mobilizando o imaginário de quem assiste para que busque a fonte da história e a preencha de significações. Nesse sentido, as inquietações que me acompanham desde a infância contribuíram para a construção do objeto de investigação desta pesquisa, buscando respostas à problemática que investigou a contação de histórias como procedimento de mediação de leitura literária, a fim de contribuir para qualificar a educação literária na Educação Básica.

No intuito de percorrer os objetivos da pesquisa, buscamos, inicialmente, realizar a fundamentação teórica sobre o ato de contar histórias, anterior à própria existência da escrita, como ferramenta de registro histórico passada entre as gerações. Passamos, então, a um segundo momento pós palavra escrita, ao fazer a mediação entre a obra e o espectador, em que o contador de histórias instiga o contato do possível leitor com o universo literário, ao provocar um desejo em saber mais. Em um terceiro momento, apresentamos a análise e interpretação das entrevistas das cinco contadoras de histórias da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, frente aos pressupostos teóricos freireanos (compreender a escola e suas relações com a leitura, conhecendo o professor contador de histórias por meio da sua atividade pedagógica, tornando possível a concepção da leitura na escola como uma ação social); a teoria interacionista de Vigotski (entendimento sobre a condução do estudante e do professor a reconhecerem na leitura um processo de construção do sentido entre o leitor, texto e autor e as ações sociais e culturais nas quais estão contidas estas interlocuções); o letramento literário e a formação de leitores.

Frente ao número de entrevistadas, em 2017, existem, no quadro de funcionários, 3.200 professores do Ensino Fundamental e teve-se dificuldade em encontrar 5 professoras que contam histórias nas suas escolas, visto que não se tem um registro de quantos são contadores de histórias. Cabe ressaltar que não existe a obrigatoriedade na realização da contação de histórias na Rede Municipal de Caxias do Sul. A opção em entrevistar contadores de histórias, além de enriquecer a pesquisa, trouxe em cada resposta reflexões acerca do profissional contador e da mediação leitor-leitura.

Contar histórias não é somente responsabilidade de um professor de Letras ou áreas afins, mas sim de qualquer professor que se sinta ligado à literatura e à leitura. Pode-se considerar com este estudo, que a contação de histórias, no âmbito escolar, transita entre a fantasia e a realidade, o planejamento e o sentimento. Os teóricos descritos nesta dissertação sistematizaram este procedimento de leitura e as contadoras entrevistadas apresentaram a sua relação emocional com a ação literária. Leva-se deste encontro a importância em conhecer algumas metodologias possíveis para acolher este procedimento de formação do leitor literário, mas ao realizá-lo imprimem-se sentimentos e veracidade na ação, deixando evidente no espectador o desejo e fascínio na arte da contação de histórias.

Muitas são as considerações importantes desta pesquisa, entre as quais as entrevistas possibilitaram o enriquecimento sobre o ofício da contação de histórias no espaço escolar. Ao analisar o conteúdo coletado com as contadoras de histórias, percebe-se o envolvimento de cada uma das contadoras com os estudantes.

Durante a entrevista, as cinco professoras evidenciaram o comprometimento com o ofício da contação, enunciando relatos de vida e discorrendo sobre os trajetos percorridos para aproximar os sujeitos da literatura nos grupos com os quais atuaram. A contação de histórias na escola é uma ação desenvolvida pelas profissionais desde a Educação Infantil até grupos de pais em reuniões e assembleias escolares.

Cabe registrar que as entrevistas apontaram que uma contação de histórias terá maior êxito quando realizada em espaços diferenciados da sala de aula, instaurando um ar fantasioso no espaço, principalmente para as crianças da Educação Infantil e anos iniciais. Além disso, conforme as narrativas das professoras, o contador de histórias encontra no espaço físico um recurso que irá

ajudar na sensibilização dos estudantes com a atividade. Compreende-se, assim, a importância de estar seguro da história que se irá contar, bem como a utilização de recursos e objetos para interagir com a plateia. O professor também pode convidar os estudantes para esse processo de mediação, servindo como ação agregadora, pois a contação de histórias não exige do seu profissional o cumprimento de uma lista de regras ou manual oficial, ela convida o seu mediador a valer-se de recursos criados e inimagináveis para a busca do clássico, do que já existe, até o irreal.

A contação na escola pode contribuir para a formação de um sujeito mais experiente, ao buscar em seu imaginário experiências já vividas e recriar outras tantas, ao que corrobora a entrevista da professora Papoula, que, ao contar histórias sobre a Festa da Uva, verifica a realidade de um evento local sendo reinventada na escola. A contação de histórias incentiva uma interpretação individual de cada espectador, sobre quais caminhos ele pode seguir dentro da fabulação.

O contador instiga o contato com o universo literário, aproximando e facilitando a busca da obra. Para tanto, recomenda-se o uso de vocabulário acessível, que envolva e dê significado ao ouvinte, mas sem perder a opulência da obra apresentada. A *performance* não tem sua finitude na grandeza do contador, nem nos aplausos da plateia, mas sim está a serviço de uma liberação do livro pela oralidade e pelos gestos para chegar até o espectador. Além de criar relação do estudante com o texto, cria relação entre a escola e os pais, visto que em uma das entrevistas, a entrevistada afirma que as histórias atraíam os pais para os encontros. Ao passo que ao perceber uma discussão no intervalo da escola, com meninos no pátio, a mesma profissional recorre à contação de histórias para anemizar o conflito, colocando a literatura a serviço da escola, do educar e socializar por meio do fazer literário.

Habilidades como desenvoltura e domínio com o público, voz e expressão corporal, sensibilidade e acolhimento do público durante a contação terão maior presença quando o condutor dessas capacidades consegue amparo científico na sua ação. Pode-se crer, pensando no conjunto dessa dissertação, que o incentivo à leitura acontece quando o professor ou profissional que está na escola realiza essa atividade com prazer e paixão, tendo entrega de si para a atividade. A contação de histórias pede exercício, prática de mediação de leitura, ao que uma das professoras

entrevistadas rememorou que até mesmo enquanto dirigia ficava pensando como faria a apresentação da história.

O presente estudo auxilia a pensar a prática de mediação de leitura, visto que, a partir das narrativas, compreende-se a importância do mediador e do cuidado e zelo que cada uma das professoras entrevistadas descreveu de seus momentos de contações e da exploração das obras narradas. Identificamos, a partir dos relatos, que ao término de suas contações, muitos estudantes se organizavam para retirar as obras contadas ou emprestavam aos seus colegas, revelando o interesse pela leitura, cumprindo com o seu objetivo de letramento literário na escola.

A contação de histórias pode ser feita com ou sem o livro, dependendo das habilidades que cada contador traz consigo para o espaço escolar. Entretanto, para a formação de leitores, é fundamental que o livro seja apresentado durante a mediação, no momento que o contador desejar. Mostrar para o espectador a obra impressa que ele acabara de acompanhar na contação favorece a busca ao texto escrito. O mediador aproxima o leitor do livro, oferta diferentes possibilidades literárias, e o estudante permite-se, muitas vezes, ler as primeiras linhas, após uma boa contação.

Para aproximar crianças e jovens da contação de histórias, conforme as entrevistas realizadas, enseja-se a utilização de fantoches, figurinos de personagens dos livros, objetivando facilitar a compreensão das histórias e as tornando ainda mais lúdicas e atrativas ao público escolar. Todavia, no emprego de elementos cênicos e objetos, faz-se necessário verificar se eles terão função e são de fácil utilização ao contador, uma vez que qualquer recurso deve auxiliar e não prejudicar a narração da história ou chamar mais a atenção da plateia que a própria história.

Evidencia-se nas entrevistas que a contação de histórias é ação fundamental para a relação do estudante com a literatura e o espaço escolar. Conforme os relatos, escolher o livro é o primeiro passo, depois ler e perceber se esta obra toca os seus sentimentos, pois não existe contação de histórias que sensibilize uma plateia se esta não está carregada de verdade pelo contador que a apresenta. Ainda, uma mesma história contada para diferentes públicos poderá ser adaptada conforme os elementos que se queira adensar, pela habilidade do contador em recontar tal história.

No que se refere à escola e às vivências escolares, a contação de histórias potencializa um momento de lazer, de enriquecimento cultural e de contato com o livro. Esta manifestação não está resguardada somente à biblioteca e tampouco precisa acontecer somente na mesma. Contar uma história suscita prazer em qualquer espaço escolar, servindo até mesmo de ferramenta para a apresentação de algum tema ou assunto de difícil desenvolvimento pelos professores. Para tanto, os programas de fomento à leitura e contação de histórias são fundamentais nos espaços escolares, pois quando optamos por estudar a contação na Rede Municipal de Caxias do Sul, percebemos que o PNBE foi referendado pelas entrevistadas como fundamental para o seu envolvimento com a contação, em virtude dos encontros e formações possíveis com escritores e contadores de histórias.

Possibilitar o contato com o livro mediado pela contação de histórias e a leitura de obras literárias motiva o desenvolvimento completo do estudante, formando um cidadão consciente, disponível para interagir de forma benéfica na sociedade em que está inserido. O livro na escola gera movimento, criação e multiplicação de ideias; o livro não precisa estar precedido da contação para conceber um mundo para o leitor, mas o contador pode reconhecer quais mundos são aspirados pelos estudantes e buscar nos livros o caminho para fluir a criatividade de cada um. A contação no espaço escolar escreve, reescreve, transforma a relação de cada leitor com o livro.

O desenvolvimento desta pesquisa mostrou que os prazeres da leitura são múltiplos quando um contador de histórias está empenhado em formar leitores. Cada entrevistada apresentou relatos de sua infância, sua relação com a família contando histórias e por isso também da sua paixão pelo seu ofício.

Quando se conta uma história, deseja-se saber, compreender, refletir sobre a vida; conta-se também pela beleza da linguagem, para a emoção, para a perturbação, conta-se para partilhar. Um contador sonha ao ler e aprende a sonhar ainda mais quando conta a história e percebe os estudantes retirando na biblioteca os livros contados, ficando na expectativa de que muitos outros sonhos surgirão.

A contação de histórias é caminho para variados mundos (reais e fictícios) que nascem da criatividade que dela se fazem. As professoras entrevistadas apresentaram a relação que se estabelece com o estudante, acompanhando o crescimento do mesmo no espaço escolar. A importância da contação de histórias

na alfabetização dos pequenos e a sua relevância entre os adolescentes mostra que a contação de histórias deve ser atividade permanente no currículo escolar. Este procedimento de mediação de leitura permanece no espectador e futuro leitor, incorporada como vivência, marcos da história de leitura de vida de cada um.

Faz-se um adendo às assertivas do estudo, que mesmo tendenciado a imparcialidade, encontram-se o autor da dissertação e as entrevistadas imbricados ao objeto de estudo.

Percorrer este caminho de tornar-se um pesquisador fora desafiador, pois eu não havia tido contato com a metodologia científica durante a faculdade. Passados 12 anos do término da graduação, muitas disciplinas somadas à produção da Dissertação se mostraram um desafio diário. Nesse percurso, tive a oportunidade de contar com subsídio de orientadores, que auxiliaram na sistematização do estudo, da produção e desenvolvimento da pesquisa, aguçando e aperfeiçoando a minha curiosidade. Aventurar-se na pesquisa estabeleceu regras de estudo e produção, pois quanto maior era o tempo de envolvimento, maiores eram os resultados obtidos. Permitir-se ler outros livros e artigos puderam indicar caminhos possíveis e, ao pensar na produção de uma dissertação, tornaram-se importantes junto às ideias e sugestões apresentadas pelos orientadores, desejando sempre a objetividade e o foco no objeto de estudo.

Este zelo e compromisso que a pesquisa científica requer também foi percebida na contação de história, nas narrativas das professoras contadoras, em que cada uma buscou um caminho, um procedimento para dinamizar a leitura, uma preparação e uma seleção de histórias para serem contadas para seus estudantes e comunidade escolar. Também houve o período de estudo, escolha dos textos, leitura e inserção de registros pessoais para burilarem as histórias que seriam apresentadas. Ouvindo as “flores” da contação de histórias da Rede Municipal de Caxias do Sul, percebemos que dedicação, criatividade, disciplina e curiosidade são essenciais para a constituição de um contador de histórias.

Ao trilhar as últimas palavras desta Dissertação, reafirmamos, frente às entrevistas e aos autores pesquisados, a importância da contação de histórias no espaço escolar, fomentando o interesse pela leitura, que pode desencadear a formação de um adulto sensível e encorajado a viver diversas experiências, ensejado a buscar em suas memórias algum personagem literário que auxiliará na

resolução dos desafios apresentados. A arte da contação de histórias exige preparo e envolvimento, podendo estar a serviço de outras atividades no espaço escolar, mostrando-se prazerosa para o grupo de estudantes. Uma boa contação de histórias é um momento de acolhida que circunda a biblioteca, desempoeira os livros e faz as palavras ganharem significados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosana de. Letra e música do chileno Pollo. **Criação elaborada para abrir todas as Rodas de Histórias da Igrejinha da Universidade Federal de SC, sob a Coordenação da Professora Dra. Gilka** – 2013. Disponível em: <<http://oficialiterariabocadeleao.blogspot.com.br/2014/05/espetaculo-literario-para-contar.html>>. Acesso em 25 jun. 2017.
- ARROYO, M. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: **Alfabetização e cidadania**: Revista de Educação de Jovens e Adultos. n. 11, Abr. 2001.
- BANDINI, Alice. A arte de contar histórias e a biblioteca pública. In: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice (org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 79-95.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 6. ed., São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BARTHES, Ronald. **O prazer do texto**. Lisboa. Edições 70, 1983.
- BEDRAN, Bia. Cantar e contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes e MORAES, Taiza Mara Rauen (Org). **Contação de Histórias**: Tradição, poética e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2000.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.
- BRASIL Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**: leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.
- CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos contadores de história e das histórias dos contadores**. Campinas: 2000. 102f. (Dissertação Mestrado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**. São Paulo, ano 24, vol 9 p. 803-809, set. 1972.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CAXIAS DO SUL. Secretaria Municipal da Cultura. **Programa Permanente de Estímulo à Leitura**. Projeto apresentado ao 14º Concurso FNLIJ/Petrobras – Os melhores programas de incentivo à leitura junto a crianças e jovens de todo o Brasil, 2009. [Documento interno].

CAXIAS DO SUL. **Prefeitura Municipal**. 2010. Disponível em: <<http://www.caxias.rs.gov.br>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

CAXIAS DO SUL. **Perfil Socioeconômico/Socioeconomic Profile**. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul/Brasil – 2017. Disponível em: <https://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/desenv_economico/perfil_caxias.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2017.

CHARTIER, Anne-Marie. **L'école et la lecture obligatoire**. Paris: Retz, 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do livro ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do estado de São Paulo 1999. (Tradução Reginaldo de Moraes).

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10.ed. São Paulo: Ática, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: **Literatura: ensino fundamental / Coordenação**, PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. (Coord). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/2011_literatura_infantil_capa.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2017.

COSSON, Rildo. A prática do letramento literário na sala de aula. In.: GONÇALVES, Odair; PINHEIRO, Alexandra Santos. **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. Campinas: Mercado de Letras. Dourados: UFGD. 2011.

COSTA, Valesca Brasil; SOUZA, José Edimar de. Gênero e campo jurídico: a mulher na Faculdade de Direito (1960-1974). **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, v. 22, nº 3, p. 147-161, nov. 2017.

CRUZ, Maria Nair Sodrê Monteiro da Cruz. 'Eu sou amiga do livro, sim', diz homenageada da Feira do Livro. **Pioneiro**. Entrevista à seção cultura e tendências. Caxias do Sul, 29 mai. 2017. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura->

e-tendencias/noticia/2017/05/eu-sou-amiga-do-livro-sim-diz-homenageada-da-feira-do-livro-9802646.html>. Acesso em: 18 jun. 2017.

DAUSTER, Tânia. **Jogos de inclusão e exclusão sociais**: sobre leituras e escritores urbanos no final do século XX no Rio de Janeiro. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs). *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias**. 8.ed. São Paulo: Informal, 2000.

FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. In: _____. **O reencantamento do mundo**: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. São Paulo: Polis, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **O menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e de palavras. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FREIRE & PAPERT. **O futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.

GIRARDELLO, Gilka; FOX, Geoff. A narração de histórias na sala de aula. In: GIRARDELLO, Gilka; FOX, Geoff. **Baús e Chaves da Narração de Histórias**. Florianópolis (SESC): Milbocas, 2006. p. 116-155.

GIRARDELLO, Gilka (org.) **Baús e Chaves da Narração de Histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2006.

GIRARDELLO, Gilka. Na clareira do presente: o diálogo narrativo entre as gerações. In: GOMES, Lenice. MORAES, Fabiano (Org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 41-57.

GREGÓRIO FILHO, Francisco. Práticas leitoras (de cor... coração): algumas vivências de um contador de histórias. In: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a literatura**: Complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 136-151.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: a brincadeira como elemento da cultura. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 1980. (Trad. de João Paulo Monteiro).

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAHY, Cyana. **O que é educação literária?** 2013. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0371.html>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra – D C Luzzato, 1996.

LLOSA, Mario Vargas. **El hablador**. Santiago: Siex Barral, 1987.

LUDWIG, Antônio C. W. **Fundamentos e prática de metodologia científica**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Tradução de Pedro Maia Soares).

MAYER, Léla. Todo contador tem uma história. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes e MORAES, Taiza Mara Rauen (Org). **Contação de Histórias: tradição, poética e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. p.491.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PIEDRAS, Marisa Cardoso. **Escola e história da literatura em diálogo**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Perfil Socioeconômico**. Disponível em: <https://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/desenv_economico/perfil_caxias.pdf>. Acesso em: 17 maio 2017.

PRIETO, Heloísa. **Quer ouvir uma história: lendas e mitos no mundo da criança**. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI.

QUINTANA, Mário. **Espelho mágico**. 2. ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Ed. Globo, 2010.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura infantil: de ponto a ponto**. Curitiba: CRV, 2010.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

ROSSONI, Janaína Cé. **A contação de histórias como possibilidade educativa: análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro**. Canoas:

Unilasalle, 2013. (Dissertação de mestrado). Disponível em: <http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2013/jcrossoni.pdf>. Acesso em: 02 out. 2016.

SANTOS, Fabiano dos. In: SANT'ANNA, Affonso Romano de et al. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 1999, p. 272-311.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**: Pesquisas x Propostas. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SISTO, Celso. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). **Memorial do Proler**: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville, UNIVILLE, 2007.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizontes: Aletria, 2012.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla: A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Revista Educere et Educare**. Cascavel: Vol. 6 nº 12, p. 235-249, jul./dez. 2011.

SOUZA, José Edimar. Trajetória de um imigrante no Sul do Brasil: Friedrich Christian Klinghoffer (1826-1838). **Revista Tempo, Espaço, Linguagem**. Irati, v. 03, nº 1, p. 75-87, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. São José do Rio Preto: Objetos educacionais do acervo digital da Unesp: 2011. Disponível em:<<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 5 ed., Rio de Janeiro: Conquista. 1966.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012. (Tradução Caio Meira).

VARGAS LLOSA, Mario. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2004. Tradução de Cordelia Magalhães.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler**: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

YUNES, Eliana, OSWALD, Maria Luiza (orgs). **A experiência da leitura**. São Paulo, Brasil, 2003. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=t4SG5dTWF6kC&printsec=frontcover&dq=a+experiencia+da+leitura&hl=ptBR&#v=onepage&q=a%20experiencia%20da%20leitura&f=false>>. Acesso no dia 13 de maio de 2017.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. *In*: GOMES, Lenice. MORAES, Fabiano (Org.) **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 59-77.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. *In*: ZAGO, Nadir et al. **Perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZILBERMAN, Regina. (Org.) **A literatura infantil na escola**. 11^a ed. São Paulo: Global, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

APÊNDICE A – MODELO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)¹⁰

Pelo presente documento, eu, _____ brasileiro(a), _____ (situação matrimonial) _____ (profissão), CPF nº _____, Carteira de Identidade nº _____, emitida pelo _____, domiciliado(a) e residente em _____, na rua _____, nº _____, bairro _____, declaro ceder a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, concedida ao mestrando Roger Andrei de Castro Vasconcelos, orientando da professora Doutora Flávia Brocchetto Ramos e coorientando do professor Doutor José Edimar de Souza, para a pesquisa “Contação de histórias: por que e como fazer?” (Título provisório da pesquisa). Objetivo da pesquisa Investigar possibilidades de implementar a contação de histórias como procedimento de mediação de leitura literária, a partir da organização de estratégias, a fim de contribuir para qualificar a educação literária na Educação Básica.

Estou ciente que os dados coletados (depoimento, entrevista, etc.) serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos da ética. Os dados coletados somente serão utilizados para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

O mestrando Roger Andrei de Castro Vasconcelos fica, consequentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

O entrevistado(a) poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio do e-mail: roger@iniciativaeventos.com.br ou pelo telefone: 54.99938-6333, bem como poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo algum.

Obs.: _____.

Caxias do Sul, _____, de _____ de _____.

Autorizo a utilização de meu nome ()

Em caso de anonimato, eu serei identificado(a) com o nome de _____

Autorizo a utilização de minha(s) imagem(s) ()

Nome do entrevistado(a) e assinatura

Nome do responsável pelo participante e assinatura

Roger Andrei de Castro Vasconcelos

¹⁰ Por questão estética e conforme o modelo do TCLE assinado, optou-se por um tamanho menor de fonte e espaçamento de linha no subitem *Apêndice A*.

APÊNDICE B – PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO DE ASPECTOS DAS
ENTREVISTAS

QUESTÕES PARA A ENTREVISTA NARRATIVA:	
1	No seu ponto de vista, o que é indispensável para contação de histórias?
2	Narre um pouco sobre como surgiu o seu interesse pela contação de histórias?
3	Como escolhe uma história? Como prepara a contação? Quais são seus objetivos com a contação de histórias?
4	Como realiza a contação de histórias no espaço escolar? Com que frequência?
5	O que ocorre com os alunos, geralmente, após a contação de histórias? Os alunos participantes retiram os livros com as histórias contadas?
6	Você costuma contar, ou já contou uma mesma história para públicos diferentes? Se afirmativa a resposta, para quais públicos? Como foi a reação do público?
7	Como vê a importância da contação de histórias no espaço escolar para diferentes públicos?

APÊNDICE C – DEMONSTRATIVO DA ORGANIZAÇÃO DAS CATEGORIAS

CATEGORIAS/PROFESSORES	1	2	3	4	5
Começou a contar histórias na sala de aula.	X				
Contou ou conta histórias na Biblioteca	X	X			
Conta em outros espaços/escritora			X	X	
Realiza contação nos Anos Finais					X
Relação do espaço/objetos para contar histórias	X		X		
Experiência familiar com a contação de histórias	X		X	X	X
Para ser bom contador de histórias é fundamental saber escolher boas histórias - repertório	X	X	X	X	X
Atributo do contador – despertar sentidos e sentimentos			X	X	
Criativo					X
Relações com a realidade				X	
Diferença entre narra e contar			X		
Muita leitura para contar histórias	X			X	
Avental – varal – voz (Corpo e Assessórios)	X	X		X	

Foi usado no gráfico uma numeração para cada professor conforme descrito abaixo:

Número (1): Açucena - Adriana Camelo Lucena

Número (2): Amor Perfeito - Ana Lúcia Lima da Silva

Número (3): Hortênsia - Heloisa Carla Coin Bacichette

Número (4): Íris - Ivânia Inês Longui

Número (5): Papoula - Patricia Pezzi Toigo

APÊNDICE D – ESTUDOS SIGNIFICATIVOS SOBRE A TEMÁTICA¹¹

CATEGORIAS/ PROFESSORES	Açucena	Amor Perfeito	Hortênsia	Íris	Papoula
I - FORMAÇÃO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS	“Estou na rede municipal há vinte e três anos e sempre trabalhei com os pequenos.” = “Eu sempre contei histórias, entre a sala de aula e ficar na biblioteca fazem uns quinze anos e durante esse período eu sempre contei histórias.” = “A <i>menina e o monstro</i>, é uma história que eu trago da minha vó, e eu contei para diferentes públicos.”	Trabalho na rede municipal há trinta anos e atualmente atuo como responsável pela Biblioteca na Escola Américo Ribeiro Mendes onde já fiz contação de histórias por vários anos. Inclusive só entrei para a biblioteca com esse objetivo, de que eu pudesse fazer a hora do conto e o desafio maior, para os alunos dos anos finais.	“Uma professora contadora, uma escritora contadora de histórias” = “O meu interesse veio justamente dessa paixão que eu tenho pelas palavras, por esse encantamento que as histórias provocam, por aquele olhar, aquele brilho e essa comunicação que se faz pelas histórias e o quanto ela pode transformar a vida das pessoas, se não a vida o momento da vida das pessoas.”	“Sou apaixonada pela contação de histórias, é um trabalho que só faz quem ama” = “Estou na biblioteca já há dez anos e na mesma escola estou há treze, entrei no laboratório de aprendizagem e depois assumi a biblioteca.” = “A minha mãe e meu pai me contavam muitas histórias quando eu era pequena, não história de livros, histórias de vida, histórias sobre meus avós, então, já tinha a sementinha ali.”	“Professora de Português com os pequenos e sextos anos, na época sexta série.” = “Eu acho que é desde pequena, eu sempre tive em casa um exemplo da minha irmã mais velha que lia muito e eu queria sempre ser como ela, porque eu achava bonito ela lendo e eu não tinha livros da minha idade pra ler, ela lia romances Sabrina, Julia, esse tipo de coisa, mas eu achava lindo ela lendo, e na minha escola nós tínhamos uma professora que eu encontrei na faculdade

¹¹ Por questão estética e para facilitar a leitura, optou-se por um tamanho menor de fonte, bem como apresentar no formato paisagem, o subitem *Apêndice D*.

					depois, ela vinha uma vez por semana na minha sala de aula, eu estava na quarta série e ela contava um pedaço do livro a <i>Montanha Encantada</i> .”
II - CULTURA MATERIAL/LITERÁRIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS (espaços, livros e objetos)	“A criança tem que sair daquele espaço sala de aula, ir para biblioteca ou para qualquer outro espaço, a gente não precisa contar só na biblioteca, pode levar para outros espaços, mas enfim, trazer uma história que toque eles.”		“O espaço é muito ampliado para os pequenos e chega num momento em que se fecham portas para os adolescentes, existe alguma dificuldade no repertório das histórias, as tuas histórias não estão talvez, adequadas para aquele público, embora aquela história possa tratar de uma temática universal, pode ser uma questão humana, mas tem determinadas histórias que se prestam mais para aquele público, naquela situação.”		“Me encantava com a biblioteca dessa escola, que não era nesse espaço, era uma sala menor, mas eu gostava muito. No Município acontecia a contação de história, já acontecia naquele tempo, aí depois com o tempo foi parando, enfim, a questão da contação não é mais obrigatória mas quando optei por pegar a biblioteca eu voltei” = “Na hora da contação da história tu tem que ter um domínio maior do que o livro, se tu estiveres só com o livro, contando a história com o livro na mão, a história não vai sair do livro.

					As vezes os livros não mantem o teu público atento, as melhores histórias quando eu conto mesmo são aquelas que eu não leio, são aquelas que eu conto sem o livro, depois eu pego o livro e mostro, mas a questão de tu pegar eles é olhar para eles, é o teu corpo falando. Os livros que atraem os alunos são aqueles que eles podem participar de alguma forma, eles estão escutando e aí eu pego eles aqui: “o que rima com amor – trator”, tu tem que prender a atenção deles senão a história se vai, se perde e quando eu conto uma história sem o livro percebo que eles ficam mais atentos e claro que a gente quando conta uma história sem o livro, tu anda, tu imita o personagem, então eu acredito que é isso, o corpo fala, o teu andar, o teu olhar,
--	--	--	--	--	---

					a tua atenção para eles é total, nessa hora eu percebo que é mais proveitoso até pra mim enquanto contadora.”
III - GÊNEROS/ ESTILOS LITERÁRIOS	“Trabalhando com os pequenos, eu percebia que muitas crianças chegavam na escola sem ter uma base de histórias, uma base de literatura, principalmente de literatura infantil, contos de fadas e eu comecei assim, comecei a trabalhar muito contos de fadas com eles, e à medida que o tempo foi passando e que eu fui trabalhando com os alunos maiores também fui percebendo que todos eles precisavam disso.”		“O adolescente gosta de temas mais picantes ou de terror, histórias de espantar o esqueleto, histórias desse gênero, então, cuidado com o repertório que a gente não tem e não existe isso de dizer que os adolescentes não gostam, nós não temos esse direito, nós temos que oferecer um bom prato, servir um bom prato, se ele não está preparado para isso vamos prepará-lo, como é que a gente pode preparar as pessoas para gostar daquele sabor que elas não conhecem, nós temos que começar devagarinho, contando uma piada, histórias de assombração, os causos e depois a gente vai inserindo		“Tudo começou na sala de aula, enquanto professora de português, eu contava história e depois passei para a Biblioteca e vi que este é o meu chão, mais propício para mim”.

			esses momentos, penso que a gente vai ter um ganho, inclusive em todas as áreas do conhecimento, as histórias, elas vão costurando possibilidades desses encontros para todas as áreas do conhecimento.”		
IV - CARACTERÍSTICAS DE UM CONTADOR	“Primeiramente com muita leitura, a gente tem que ler muito, ler diferentes histórias, ler diferentes autores para encontrar a história. Eu acho que tem a história certa para o público certo, então, assim, eu escolho dessa maneira, leio bastante” = “Gosto muito de ir em Festivais de Contação de Histórias para escutar, ver o que os contadores contam, porque aí tu vais tendo uma base.” = “Na maioria das vezes são	“O preparo da contação depende do que se vai contar, eu já fiz uso, assim, de diversos recursos, trabalhei bastante com histórias de avental, histórias de varal, ou as vezes usando somente o recurso da voz, entonação de voz, ambientando um espaço de acordo com o que tu vais contar, depende muito de qual história você vai trabalhar para poder preparar” = “Eu acho que é essencial, que é prioritário, os outros recursos eles vêm assim	“A escolha do repertório é essencial para que a gente possa construir esse repertório pessoal, eu estou sendo quase que redundante, mas é proposital.” = “ Contar histórias como falei, pra mim, sempre é essa atitude que tu tem em relação a tua alma, ao teu espírito, se tu não está ligado a essas histórias de algum modo, esse sentimento, que essas histórias provocam, despertam dentro de ti, tu não vai despertar no outro.”	“Eu costumo dizer que, vai achar até estranho, eu não escolho, quem me escolhe é a história, é incrível, tu sempre tem que ter várias histórias para contar.” = “Tu tem que não se ater a uma história porque acontece uma situação, colocando no ambiente escolar, na sala de aula o professor vem com o aluno para a biblioteca ou eu vou até a sala de aula, no pátio da escola e que surge a história para resolver aquele momento, aquele conflito ou até para dizer uma coisa	“Eu era muito agitada, mas era um momento que eu fazia toda a sala de aula parar para ouvir, eu achava que aquilo era encantador, o jeito, a entonação da voz dela, a forma que ela lia, eu me encantei, eu acredito que foi ali, ali nasceu a minha vontade de contar histórias.” = “Eu diria o seguinte: tem momentos que sim, escolhemos as histórias, a gente sabe que tem datas e que chamam para uma história, só que as vezes essas histórias eu crio, eu

	histórias que eu escolho, as professoras me deixam bem livre, geralmente eu procuro observar o que está acontecendo na escola, naquele momento, o que é que as professoras estão trabalhando.” = “Bom, leio muitas vezes a história até a contação, digo, até ela entrar dentro de mim e vou contando ela para mim mesma, vou contando, contando, às vezes estou no carro dirigindo e pensando em tal parte da história, “ah nessa parte, poderia dar mais ênfase, nisso e naquilo”. ” = “	pra, pra te ajudar a diversificar, sabe, mas a entonação de voz, o tom de voz e a tua expressão corporal é fundamental, até se tu não tiver outros recursos tu conta bem uma história assim, usando o teu próprio corpo, usando a tua própria voz, porque não adianta tu ter lá outros recursos que até são atrativos e tudo mais se tu não consegue ter desenvoltura.”	= “Eu diria que é narrar histórias que é um pouco diferente do que contar, eu fiz muito isso, essa distinção para mim está muito clara hoje, contar e narrar histórias tem uma diferença grande e que a gente pode sim unir as duas e desse encontro ter um momento especial que é o que a gente busca. O repertório de histórias tem a ver com teu conhecimento, se tu queres que os outros amem, tu também tens que conhecer a gente, o desconhecido, tudo te instiga.” = “Tu tens que buscar a essência da história para ver se essa história pode ser contada para esse grupo, porque nós não temos como saber se vai bater, como é que vai bater no coração de cada um.”	alegre, não necessariamente precisa ser um conflito, então, a história vem.” = “Elas me escolhem, eu gosto muito de história que mexa com o coração, e aí tu vais me dizer, mas quase todas não é mesmo, quase todas mexem.” = “Eu me preparo para a contação de história, contando muito e repetindo muitas vezes a história, assim ela se torna viva, se tu me pedir quantas histórias que eu sei, não sei te dizer, mas são várias, são muitas e aí os alunos dizem, “professora, mas tu guardas elas aonde?” No coração, a memória vem, puxa o fiozinho da linha, se ela não me tocou, eu não gravo ela.” = “	criei uma história muito linda até na época da Festa da Uva.” = “
--	---	--	---	--	--

			= “Conheço muitos professores que são de outras áreas e não da literatura e séries iniciais e contam histórias primorosamente, com uma classe, com encantamento, porque amam as histórias, então voltamos lá atrás, tu não precisa ser da área, é como alfabetizar ou como tu trabalhar com a língua, tu trabalha em todas as áreas do conhecimento, não só especificamente dentro da Língua Portuguesa. As histórias tratam de temáticas universais e se tratam de temáticas universais e humanas elas transcendem a questão de série, se é de adolescente, se é de criança, se é de adulto, elas se dirigem para o coração das pessoas e coração é coração, então, aproveitem isso, pensem no quanto a		
--	--	--	--	--	--

			gente pode fazer.” = “A gente teria que falar de várias técnicas, a questão corporal ela é fundamental, então o que a gente coloca muitas vezes, o tom de voz, tu não precisa gritar, tu estas dialogando através de um texto, mas aí que está, se tu conhece esse texto, tu vai imprimir nele a carga a carga de emoção, essas ligações todas têm que ser feitas com certo cuidado porque a expressão diz, então se tu vai te movimentar demais, por exemplo, tu tem que ter muita prática com públicos quando tu te movimenta com certo exagero, as histórias elas pedem, me parece.” = “A gente precisa sim do corpo, é fundamental, é muito importante que a		
--	--	--	---	--	--

			gente faça desse corpo um instrumento para contar a história da melhor forma possível, muito movimento também, a gente costuma dizer que tonteia o público, então temos que cuidar com exageros, muitas vezes tu vai tentar demonstrar através de um gesto e não precisa, o gesto pode ser menos brusco ou ter menos movimento, muitas vezes a sutileza é que fala mais que todos os aparatos que tu possa ter.” = “o trabalho de corpo, de voz é fundamental!”		
V - A CONTAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA INSPIRAR NOVOS LEITORES	É trazer à tona isso da transformação, de mexer com o interior da criança. Quando eu comecei aqui nessa escola, e na escola Bento, por exemplo, não se contava história para os maiores, os maiores não	“Os objetivos para mim era sempre o mesmo, criar o gosto pelas histórias, criar o gosto pela leitura, mas isso sempre enquanto prazer, é trabalhar a contação de histórias sem a cobrança depois, como momento	É fundamental, uma escola que respira literatura, para todas as pessoas fazendo disso momento especial, esta escola ela evolui, porque a contação de histórias tem a ver com esse olhar para o indivíduo e ao	“Promover a leitura e trazer as crianças para esse universo, não só as crianças, tanto que eu conto história dos cinco anos - educação infantil ao nono ano e para os pais também.” =	“É o despertar para essa coisa mágica que é a leitura, ela é uma companhia, é viver outras vidas outros mundos, é isso que acontece comigo e acho que é isso que pode acontecer com eles.”

	ouviam histórias, eles simplesmente vinham para a biblioteca faziam a hora da leitura silenciosa ou simplesmente vinham e retiravam livros e voltavam para sala de aula. Aí eu comecei a trabalhar isso com os professores, dos maiores, do fundamental dois, que é de quinto ao nono ano, que eles pudessem vir para a biblioteca e fazer um momento de relaxamento e ouvir histórias.”	deleite, momento de puro prazer, de entrar no mundo das histórias e por alguns momentos esquecer do cotidiano, da vida real.” = “Eu acho que deveria ser um investimento prioritário na rede de ensino, de ter os profissionais que façam isso, porque dá um ganho excepcional com o aluno. Esse ano mesmo eu tenho a tarde a Escola Ester Benvenute, tenho ampliação de jornada lá e estou no apoio, então volta e meia quando eu entro para substituir um professor em sala eu uso a estratégia de contar uma história para eles, eu ganho a turma, ganho a turma com isso, até porque lá quarto, quinto ano, entra um pouquinho para essa linha de mistério é impressionante porque a turma que é indisciplinada,	mesmo tempo para o coletivo, mas esse indivíduo ele passa a se sentir importante porque naquele momento existe um profissional ali para contar uma história. Quando tu está contando uma história tu olha para essa pessoa e a gente não imagina o que faz quando tu consegue olhar para todos, nesse momento que a história está indo, chegando até esse outro e esse momento talvez seja o único momento na vida dessas crianças e adolescentes em que eles se sintam tão especiais porque eles têm a tua atenção, então essa carga de afeto que nos liga através da arte, seja a arte de contar ou outra arte é que vai fazer a diferença lá adiante, as pessoas, as crianças que são alimentadas pelas histórias,	“Como a base, eu acho que não pode ter um espaço escolar sem contação de história e pra diferentes públicos inclusive, aberto para a comunidade escolar. Quer trazer a comunidade, os pais para escola? Conte histórias para seus filhos e peça para que os filhos contem em casa. O momento em que tu traz ele para o livro, para a leitura, eles te dizem: professora tu dizia que se eu lesse mais eu ia escrever melhor, a minha professora disse que eu já estou escrevendo melhor, é automático se dá o efeito, é magia mesmo.”	= “Esse momento de tu despertar a vontade de pegar um livro, de ler aquela história, as vezes os pequeninhos, os bem pequenos, a gente vai ensinando eles a lerem a imagem, aí eles leem a imagem e vão passando a página “o que será que aconteceu aqui?”, depois eles vão começar a descobrir as palavrinhas. As vezes a gente está fazendo um conselho de classe o aluno que ensinamos a botar o dedinho embaixo da letrinha e da palavrinha para ler e agora está no nono ano, as vezes ele não tem todas as habilidades, todas as capacidades, mas que ele lutou muito para conseguir ler.” = “a gente conhece o aluninho, as dificuldades
--	---	---	--	--	---

		agitada, eu começo a contar a história, silencia, tu não ouve nem a própria respiração dos alunos e eles ficam assim cada vez que eu entro na sala “qual é a história que vai contar hoje”, eu acho que é maravilhoso!”	elas são adultos diferentes e adultos melhores, mais bem resolvidos emocionalmente.”		que eles tem e tudo mais, através dessas contações de histórias também a gente ajuda, inclusive as famílias, então eu penso que a importância aqui na hora do conto da biblioteca, da leitura é ...eu não sei te dimensionar sabe, eu acho até que tu poderia fazer essa entrevista com as crianças porque hoje ‘pra’ entrar aqui na escola eu tive que passar por uma barreira de crianças me abraçando ali fora, sabe, que eles simplesmente eles têm loucura pela gente, sabe, conta história, quem conta história é a famosa, isso que eu não faço assim, muitas coisas como por exemplo, me fantasiar, até já vim fantasiada uma vez que eu tive compromisso vim de rolo na cabeça e contei a história do chaves.”
--	--	---	--	--	--

APÊNDICE E – ARTIGOS¹²

Consulta em base de dados CAPES pelos termos: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS e CONTAÇÃO HISTÓRIAS em maio de 2016 ARTIGOS				
	TÍTULO	AUTOR	PUBLICAÇÃO	LINK
1	Contaçon de história: uma análise da escolha de histórias em um recorte de experiências gaúchas	Kirchof, Edgar Roberto; Hessel Silveira, Rosa Maria	Conjectura: filosofia e educação, 2009, Vol.14(2), p.203-214	
2	Construindo o estado de conhecimento sobre a contaçon de histórias na extensão universitária	Silva, Carla Cassel	Revista Educação Por Escrito, 01 January 2014, Vol.5(2), p.165-177	http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/viewFile/17793/12400
3	Crianças usando o conto para se conectarem com os outros	Quintero, Elizabeth P.	Educação, 01 January 2009, Vol.32(1), p.42-50	
4	Utilização do brinquedo terapêutico na assistência à criança hospitalizada	Cassiana Mendes Bertoncello Fontes; Cleide Carolina Da Silva Demoro Mondini; Márcia Cristina Almendros Fernandes Moraes; Maria Irene Bachega; Natália Patrisi Maximino	Revista Brasileira de Educação Especial, 01 April 2010, Vol.16(1), p.95-106	
5	O uso de histórias infantis no ensino de inglês para crianças: analisando o gênero textual história infantil sob a perspectiva do interacionismo sócio-discursivo.	Assunção Tonelli, Juliana Reichert	Acta Scientiarum Language and Culture (UEM), Jan, 2008, Vol.30(1), p.19(9)	
6	Leitura compartilhada em um hospital pediátrico: análise do comportamento verbal dos contadores	Pfeiffer Flores, Eileen; De Almeida Santos, Gabriela Fiuza; Ferreira Da Motta Amadeu, Luiza; De Rezende Dias, Adriana	Psicologia: Reflexão & Crítica, Oct-Dec, 2013, Vol.26(4), p.711(10)	
7	Narratividade do professor: mediação e linguagem na sala de aula	Chesini, Isabel Maganin; Crestani, Anelise Henrich; de Souza, Ana Paula Ramos	Revista CEFAC: Atualização Científica em Fonoaudiologia e Educação, 2013, Vol.15(5), p.1259(11)	

¹² Por questão estética e para facilitar a leitura, optou-se por um tamanho menor de fonte, bem como apresentar no formato paisagem, o subitem *Apêndice E*.

APÊNDICE F – TESES E DISSERTAÇÕES¹³

Consulta em base de dados CAPES pelos termos: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS e CONTAÇÃO HISTÓRIAS em maio de 2016. TESES/ DISSERTAÇÕES				
	TÍTULO	AUTOR	PUBLICAÇÃO	LINK
1	CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES?	Ana Cláudia Ramos	Londrina, PR 2011 Universidade Estadual de Londrina	http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-RAMOS_Ana_Claudia.pdf
2	O QUE NARRAM OS CONTADORES DE HISTÓRIAS: memórias, histórias e práticas	Simone Ribeiro Barros André	São Gonçalo 2012 Universidade do Estado do Rio de Janeiro	http://ppgedu.org/wp-content/uploads/2014/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Simone-Andr%C3%A9.pdf
3	ERA UMA VEZ: CONTANDO HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Branca Monteiro Camargo	Piracicaba, SP, 2011, Universidade Metodista de Piracicaba	https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/27092011_110050_disserta%E7%E3o.pdf
4	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO POSSIBILIDADE EDUCATIVA: análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro	Janaína Cé Rossoni	Canoas, 2013, Universitário La Salle – UNILASALLE	http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2013/jcrossoni.pdf
5	DO SABOR DE CONTAR HISTÓRIAS AO SABER SOBRE A HISTÓRIA PARA O OUVINTE: estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança	Simone Fátima Halabura Follador	Porto Alegre, 2011, Universidade Federal do Rio Grande do Sul	https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49019/000826581.pdf?sequence=1
6	Quem conta um conto: o amor como encontro na contação de histórias	Rivoire, Luciene ; Spritzer, Mirna	Porto Alegre, 2012, Universidade Federal do Rio Grande do Sul	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61123
7	Quando a regra é manifestar-se: a trajetória de alunos chineses na contação de histórias	Balestro, Ana Cristina ; Castiglioni, Ruben Daniel ; Méndez	Porto Alegre, 2010, Universidade Federal do Rio Grande do Sul	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29142
8	A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Ana do Nascimento Biluca Mateus; Andréia Ferreira Silva; Elaine Costa Pereira; et al		http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227
9	A MAGIA DE CONTAR HISTÓRIAS	Monica Weingärtner Otte; Anamaria Kovács	Instituto Catarinense de Pós-Graduação – www.icpg.com.br	http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-02.pdf
10	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO	Rosana Maria dos Santos	Tres Cachoeiras, 2012, Universidade	http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/101

¹³ Por questão estética e para facilitar a leitura, optou-se por um tamanho menor de fonte, bem como apresentar no formato paisagem, o subitem *Apêndice F*.

	INSTRUMENTO DE SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL		Federal do Rio Grande do Sul	83/71970/000880723.pdf
11	CONTRIBUIÇÕES DO ATO DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO FUTURO LEITOR	Olivia da Silva Pires	MARINGÁ 2011 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ	http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Olivia_Pires.pdf

ANEXO A – COMUNICAÇÃO DE DESPACHO SMED Nº 2720/2016



Município de Caxias do Sul
Secretaria Municipal da Educação

**COMUNICAÇÃO DE DESPACHO
SMED Nº2720/2016**

Requerente: Roger Andrei de Castro Vasconcelos

Em atenção ao requerimento protocolado sob o nº 2016/44692, que solicita reconsideração do Despacho 2718/2016, informamos ao requerente que sua solicitação de aplicação de entrevista (anexa o processo referido) foi deferida. O requerente deve consultar previamente a escola e as professoras a serem entrevistadas a fim de agendamento, evitando implicações no cotidiano escolar de cada uma.

COMUNIQUE-SE e archive-se.

Em 07 de dezembro de 2016

Thais Gomes Duarte
Diretora Pedagógica
Mat. 18523